



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE MESTRADO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE

RECURSOS VEGETAIS DOS TRADICIONAIS QUINTAIS DE
ROSÁRIO OESTE - MATO GROSSO



CLEOMARA NUNES DO AMARAL

CUIABÁ - MT

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO DE MESTRADO EM ECOLOGIA E CONSERVAÇÃO DA
BIODIVERSIDADE

RECURSOS VEGETAIS DOS TRADICIONAIS QUINTAIS DE
ROSÁRIO OESTE – MATO GROSSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, do Instituto de Biociências, para obtenção do título de mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade.

CUIABÁ - MT

2008

Orientador: Fero. Dr. Germano Guarim Neto
Instituto de Biociências
Departamento de Botânica e Ecologia (UFMT)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Germano Guarim Neto**
(Orientador)

Profª Dra. **Maria Corette Pasa**
(Examinadora interna - Titular)

Profª Dra. **Maria Antônia Carniello**
(Examinadora externa - Titular)

Profª Dra. **Vera Lucia Monteiro dos Santos Guarim**
(Examinadora Suplente)

Cuiabá - Mato Grosso

2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, ao meu pai, meus irmãos e especialmente à minha mãe, que sempre me apoiou em todos os momentos e ao meu querido marido pela prova de amor demonstrada durante a realização do meu trabalho, amo vocês.

“Não foi o homem que teceu a trama da vida, ele é meramente um fio da mesma, tudo que ele fizer à trama, a si próprio fará”.

(Índio Seattle, cacique da tribo Duwasish, 1985).

AGRADECIMENTOS

À Deus, em primeiro lugar, criador de tudo e de todos e quem possibilitou a realização de todas as coisas.

À Universidade Federal de Mato Grosso, pela oportunidade de realização do curso de Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade.

À CAPES pela bolsa de estudos concedida.

Ao CNPq pelo apoio financeiro do projeto: *Estudo da Flora, Caracterização da Vegetação e Etnobotânica no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso*: subsídios para a conservação de recursos vegetais em Cerrado. Coordenador: Germano Guarim Neto. Relatório final apresentado ao CNPq, processo no. 471668/2004-4, Cuiabá-2007.

A todos os informantes de Rosário Oeste, especialmente a D.Chá Mila, D. Maria Erci, D.Luiza, D. Fátima e Sr. Sebastião, pela colaboração generosa e pelo conhecimento simples, mas igualmente sábio que compartilharam com grande sinceridade.

Ao professor Gerson Alves da Cunha (Teto), pela hospitalidade, carinho e ajuda em vários, e importantes momentos durante a realização da pesquisa.

Ao técnico Sr. Hélio Ferreira, pelo apoio e auxílios prestados, durante o trabalho de campo, e em diversos outros momentos, sempre com grande carinho e generosidade.

A Prof^a. Vera Guarim pelo carinho dedicado durante todos os anos de graduação e pós-graduação, e a atenção recebida durante o estágio supervisionado.

A todos os professores do Curso de Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, que muito contribuíram para aquisição de novos e duradouros conhecimentos.

A todos os membros da banca examinadora de qualificação, pela disponibilidade em avaliar este trabalho e sugestões apresentadas.

Aos membros da Banca de Defesa Pública para a obtenção do título de Mestre em Ecologia e Conservação dos Recursos Vegetais.

À Prof^a. Maria Corette Pasa, pelo auxílio durante o desenvolvimento das análises quantitativas e participação na banca de qualificação e de defesa.

Ao Professor Germano Guarim Neto, orientador, pelo conhecimento compartilhado, paciência, prontidão e a disposição em ajudar, seja em assuntos referentes ao projeto, ou em quaisquer outros momentos de dúvidas, obrigada por todo carinho, atenção e tempo compartilhados.

A todos os novos colegas de curso e especialmente minha família pelos momentos vividos durante estes anos de curso, e demais pessoas que contribuíram de alguma forma para o êxito deste trabalho.

Muito Obrigada!

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| LISTA DE FIGURAS | xi |
| LISTA DE TABELAS | xiii |
| RESUMO | 01 |
| ABSTRACT | 02 |
| 1 – INTRODUÇÃO | 03 |
| 1.1 – Etnobiologia e etnoecologia: as relações sociedade-natureza | 03 |
| 1.2 – Etnobotânica: o conhecimento botânico tradicional | 04 |
| 1.3. Os quintais: espaços de conservação | 04 |
| 2– ÁREA DE ESTUDO | 08 |
| 2.1. Histórico do Município | 08 |
| 2.2. A área urbana de Rosário Oeste e a importância de seus quintais | 10 |
| 3 – METODOLOGIA | 12 |
| 3.1 – Abordagem metodológica | 12 |
| 3.2 – Coleta de dados | 13 |
| 3.3 – Análise quantitativa dos dados | 14 |
| 3.4. Identificação botânica | 15 |
| 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO | 18 |
| 4.1 – Características dos informantes | 18 |
| 4.2 – Relação espécie-informante | 19 |
| 4.3 – Os quintais estudados (descrição; tamanho; organização; importância) | 20 |
| 4.4 – A flora dos quintais: elementos essenciais do cotidiano rosariense | 26 |
| 4.5 - Hábito das espécies: as formas de vida que emergem da pesquisa | 36 |

| | |
|--|----|
| 4.6 – Etnocategorias de usos: bases do conhecimento botânico tradicional | 37 |
| 4.7 – Análise quantitativa: expressando através de números | 57 |
| 4.8 - Estratégias Etnoecológicas de Conservação: Valorizando o Conhecimento Botânico Tradicional | 63 |
| 5 - CONCLUSÃO | 66 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 67 |
| ANEXO I | 77 |
| ANEXO II | 78 |
| ANEXO III | 79 |
| SOBRE A AUTORA | 80 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1. Localização do município de Rosário Oeste - MT. | 8 |
| Figura 2. Representação da área urbana de Rosário Oeste – MT, e dos bairros Monjolo e Nossa Senhora Aparecida | 17 |
| Figura 3. Escolaridade dos moradores de Rosário Oeste – MT | 18 |
| Figura 4. Profissão declarada pelos entrevistados do município de Rosário Oeste-MT. | 19 |
| Figura 5. Curva espécie-área representando a relação entre espécie-quintal nos bairros de Rosário Oeste - MT | 20 |
| Figura 6. Aspecto dos tradicionais quintais do município de Rosário-Oeste. | 22 |
| Figura 7. Quintal n°. 19 representando o padrão semelhante ao plantio de miscelânea encontrado em vários quintais da cidade. | 24 |
| Figura 8. Croqui do quintal n°. 02 no bairro Nossa Senhora da Guia. | 25 |
| Figura 9. Quintal com organização no plantio. Quintal n°02 Bairro N. Sra. Aparecida | 26 |
| Figura 10. Vista da infrutescência de Buriti, encontrado no Bairro Nossa Senhora Aparecida em Rosário Oeste | 27 |
| Figura 11. Hábito das espécies vegetais encontradas nos quintais de Rosário Oeste - MT. | 37 |
| Figura 12. Frequência das doenças, de acordo com o CID-10 (1999), tratadas pelos informantes de Rosário Oeste, utilizando plantas medicinais. | 40 |
| Figura 13. Formas de preparo dos remédios caseiros. | 50 |
| Figura 14. Partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros. | 51 |

| | |
|--|----|
| Figura 15. Plantação de banana, quintal n°. 31 do Bairro Monjolo. | 53 |
| Figura 16. Plantas ornamentais cultivadas no quintal nº08, bairro N. Sra. Aparecida. | 54 |
| Figura 17. Planta ornamental, comigo-ninguém-pode (<i>Dieffenbachia picta</i>) | 56 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Composição Florística dos Quintais Rosarienses | 28 |
| Tabela 2. Plantas medicinais dos quintais rosarienses com suas propriedades medicinais. Relação entre os usos terapêuticos citado pela população e categoria internacional de doenças (CID 10). | 41 |
| Tabela 3 – Usos principais e Concordância quanto ao uso das plantas encontradas em mais de três quintais nos Bairros Nossa Senhora da Guia e Monjolo em Rosário Oeste-MT. | 59 |

RESUMO

A etnoecologia é um campo de pesquisa transdisciplinar que estuda os conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos que intermedeiam as interações entre as populações humanas e os demais elementos dos ecossistemas bem como os impactos ambientais daí decorrentes. Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, estes sistemas consistem geralmente de uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras, herbáceas, algumas vezes em associação com animais domésticos, crescendo próximo à residência. O presente estudo tem como objetivo, ampliar o conhecimento sobre os recursos vegetais dos tradicionais quintais mato-grossenses, buscando além de suas características, informações etnobotânicas para se detectar as formas de uso desses recursos, mantidos e repassados através de gerações, na região do município de Rosário Oeste – MT; e identificar os aspectos históricos, culturais e sócio-econômicos dos habitantes local, que podem influenciar na composição florística de seus quintais. Este trabalho seguiu a metodologia de pesquisa sugerida por estudos etnobotânicos, com base na pesquisa qualitativa e quantitativa. Os quintais pertencentes a amostra, localizam-se na cidade de Rosário Oeste (MT), região essa habitada por moradores genuinamente mato-grossenses. As coletas dos dados etnobotânicos foram realizadas por meio de visitas domiciliares exploratórias, priorizando amostras intencionais. A idade média dos entrevistados foi de 50 anos, sendo a maioria dos entrevistados do sexo feminino (51), e 11 do sexo masculino. A maior parte dos entrevistados nasceu na própria região, e o tempo médio de moradia no local foram de dezessete anos. Nos quintais da cidade foram observadas 253 espécies vegetais, distribuídas em 82 famílias botânicas. As famílias botânicas mais representativas foram Asteraceae (18), Euphorbiaceae (14), Lamiaceae (14) e Araceae (12). Estas famílias, especialmente Asteraceae e Lamiaceae são frequentemente encontradas como as mais representativas em outros estudos etnobotânicos. As plantas medicinais representam 43,9 % das espécies encontradas, seguida das plantas utilizadas na alimentação, e ornamentais. Os quintais são sistemas agroflorestais que desempenham importante função ecológica ao mesmo tempo em que conservam alta diversidade de planta na sua composição, garantindo a variabilidade genética, constituindo importantes bancos de germoplasmas, representando sistemas sustentáveis com maior resistência a doenças e adaptabilidade futura.

Palavras-chave: Etnoecologia, Quintais, Recursos vegetais.

ABSTRACT

The ethnoecology is a transdisciplinary search field that studies the knowledge, beliefs, feelings and behaviors that lists the interactions between human populations and other elements of ecosystems and environmental impacts resulting. The homegardens are one of the oldest forms of land management, such systems generally consist of trees, shrubs, climbers and herbs combination, sometimes in combination with domestic animals, growing adjacent to the residence. This study aims to, expand the knowledge about the vegetal plants resources of the traditional homegardens mato-grossenses, looking beyond its own characteristics, information ethnobotanicals to identify ways to use those resources, maintained and sent through generations, in the region of Rosario-Oeste (MT); and identify the aspects historical, cultural and socio-economic of the local inhabitants, which can influence the floristic composition of its homegardens. This work followed the methodology suggested by studies ethnobotanicals, based on quantitative and qualitative research. The homegardens belonging to sample, located in the Rosario Oeste city (MT), the region inhabited by residents genuinely mato-grossenses. The collections of data ethnobotanicals were made by means of exploratory visits home, prioritizing intentional samples, which will gradually incorporate the search. The average age of respondents was 50 years, the majority of interviewees were female (51), and 11 males. Most interviewees were born in the region, and the average time of housing at the site was seventeen years. In homegardens city were found 253 plant species, distributed in 82 botanical families. The botanical families more representative were Asteraceae (18 species mentioned), Euphorbiaceae (14), Lamiaceae (14) and Araceae (12). These families, especially Asteraceae and Lamiaceae are often found as the most representative in other ethnobotanicals studies. The medicinal plants represent 43,9% of the species found, followed by food and ornamental plants. The homegardens are agroforestry systems which play important ecological function at the same time that retain high diversity of plants in its composition and warrant the genetic variability, constituting an important germoplasmas's banks, representing sustainable systems with greater resistance to diseases and adaptability future.

Keywords: Ethnoecology; Homegardens; Plants resources.

INTRODUÇÃO

1.1. Etnobiologia e etnoecologia: as relações sociedade-natureza

A etnobiologia surgiu através da etnociência que ganhou impulso a partir dos anos cinquenta, com o desenvolvimento de estudos norte-americanos junto a populações autóctones da América Latina. Inicialmente, o estudo da etnociência voltou-se para análises de aspectos lexicográficos das classificações folk ou etnoclassificações e sobre categorias de cores, plantas e parentesco próprias de diferentes sociedades (HAVERROTH, 1997).

Begossi (1983) define etnobiologia como um seguimento da etnociência que busca saber como o mundo é entendido, conhecido e classificado por diversas culturas.

Da mesma forma proposta por Posey (1987a), para o qual “a etnobiologia é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. É o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo”.

Segundo Marques (2001) “a etnoecologia é um campo de pesquisa transdisciplinar que estuda os conhecimentos, crenças, sentimentos e comportamentos que intermedeiam as interações entre as populações humanas e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos ambientais daí decorrentes”.

De acordo com Moràn (1990), Berta Ribeiro e Darrel Posey foram grandes contribuintes dos estudos de caráter etnoecológico no Brasil. Ribeiro (1987) organizou o primeiro volume da Suma Etnoecológica Brasileira e Posey (1987b) desenvolveu pesquisas etnoecológicas entre os índios Kayapós, apresentando estudos de conhecimento detalhados sobre os aspectos do solo, palmeiras, abelhas e plantas medicinais.

Segundo Martin (1995), *Ethno-* é um prefixo popular hoje em dia, uma maneira curta e fácil de dizer: “*o modo de outras sociedades olharem o mundo*”. Quando usado junto ao nome de uma disciplina acadêmica, tais como botânica, ecologia, zoologia ou farmacologia, ele implica que pesquisadores desses campos estão buscando as percepções de sociedades locais nessas áreas específicas.

Estudos etnoecológicos buscam compreender a forma em que o ambiente é percebido pela população que nele vive, utilizando como ferramentas, o estudo dos aspectos históricos, econômicos e culturais, que definem, e identificam um determinado

grupo social.

As relações homem-ambiente são mediadas pela cultura, pelas experiências acumuladas por qualquer população ao longo de gerações e pelos valores sociais e políticos que a sociedade impôs a tais relações (MORÁN, 1994).

1.2. Etnobotânica: o conhecimento botânico tradicional

No final do século passado Barbosa Rodrigues considerado um dos maiores naturalistas brasileiros, concentrou suas atividades científicas na botânica, na etnologia e mitologia indígena. No interior do Brasil, fez uma vasta pesquisa de campo junto às populações nativas, de onde resultaram trabalhos sobre a língua e a botânica indígenas.

Segundo Barbosa Rodrigues (1992), ao tratar da classificação botânica dos indígenas, *“os selvagens, seguiam e seguem um método sintético na classificação das plantas. Designam as espécies por nomes tirados dos caracteres das folhas, das flores, dos frutos, ou de propriedades como o cheiro, o sabor, a dureza, a duração, a cor, o uso, etc.”*. Pasa (2004) também descreve forma semelhante de classificação desenvolvida por população ribeirinha na comunidade de Conceição-Açú, no município de Cuiabá-MT.

De acordo com Gómez-Pompa (1986) etnobotânica é a “ciência do saber botânico tradicional”, do saber de populações humanas sobre os recursos vegetais.

Amorozo (1996) relata que o termo “Etnobotânica” foi empregado pela primeira vez por Harshberger em 1895, em trabalho com tribos indígenas norte-americanas, e foi definido como estudo do uso das plantas por povos indígenas e aborígenes.

Entretanto, segundo definições mais atuais, os estudos da flora e de caracterização da vegetação, aliados a um estudo etnobotânico, têm a função de se preocupar com o registro do conhecimento popular tradicional, sendo relacionado particularmente ao uso dos recursos vegetais, manejo e conservação das espécies (CABALLERO, 1992; ALBUQUERQUE, 1999).

do conhre ppxrexirozo nteraltaridcia do s, result das eT.0003 Tc9-20.245 -6725 Td [(partim)8, d

e/ou com animais, de maneira simultânea ou numa seqüência temporal.

Na verdade, o termo quintal varia de acordo com os países e a linguagem por eles utilizada. Nair (1993) relaciona a existência de vários tipos de quintais, “homegardens”, em diferentes locais, cada qual com características particulares. Os “homegardens” podem ser estabelecidos em quase todas as ecozonas tropicais e subtropicais, onde predominam os sistemas de uso da terra, baseados na subsistência.

No México, os quintais são denominados “hortos familiares”; na América Central, “hortos caseiros”; na Tanzânia; “Chagga homegardens”; na Indonésia, “Talun-Kebun e Pekaragan”.

De acordo com Kumar & Nair (2004) os “homegardens” possuem longa tradição em países tropicais, estes sistemas consistem geralmente de uma combinação de árvores, arbustos, trepadeiras, herbáceas, algumas vezes em associação com animais domésticos, crescendo adjacentes à residência (NAIR, 1993).

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato este, que indica sua sustentabilidade. No entanto, embora este sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas economicamente, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto.

É crescente o estudo dos quintais no mundo inteiro, mas a maioria destes estudos é realizado na Ásia, especialmente Indonésia. Outras regiões com quintais igualmente ricos como a América Central e o Oeste da África tem sido menos estudados do que deveriam, uma vez possuem grande tradição local no uso deste sistema (KUMAR & NAIR 2004).

Lamy (1978) destaca que grande parte da população da Cidade do México utiliza plantas medicinais de seus quintais. No Brasil a situação não é diferente, a rica flora tropical proporciona a população uma infinidade de opções no uso tradicional das plantas. Estudos etnobotânicos que vão do norte ao sul do país refletem esta tradição local no uso das plantas, especialmente em se tratando de espécies medicinais (AMOROZO 1981; SARAGOUSSI *et al.* 1988; GUARIM NETO 1996; SIMÕES *et al.* 1998; RIZZO *et al.* 1999; HANAZAKI, 2001; GARROTE 2004).

Oakley (2004) enfatiza a função dos quintais domésticos como reservatórios de biodiversidade em comunidades mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são as responsáveis pela manutenção deste sistema. Essa tarefa cotidiana constitui-se em uma importância doméstica, garantindo o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. As mulheres preservam a

biodiversidade através de plantações em alta densidade de espécies subutilizadas de forma que seus quintais se transformam em um laboratório de experiências para a adaptação de variedades locais e não-domesticadas.

No Brasil, o termo quintal é utilizado para se referir ao espaço do terreno situado ao redor da casa, definido na maioria das vezes como a porção de terra próxima a casa, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, assim como outros produtos como lenha e plantas medicinais (BRITO & COELHO, 2000).

Castro (1995) atenta para o fato de que a presença de quintais não se restringe apenas as áreas rurais, embora pouco estudado, o quintal é extremamente comum nas áreas urbanas brasileiras. Além da mudança no microclima que proporciona ao local da moradia, o quintal tem uma importância fundamental para complementar a dieta de famílias de baixa renda e ser uma garantia de alimentação em épocas de crise (VALADÃO *et al.*, 2006).

Os quintais possuem grande importância na introdução e aclimação de espécies exóticas a novos ambientes. O caso das batatas (solanáceas) é um exemplo, elas foram introduzidas na Europa por volta de 1580, onde primeiro foram cultivadas em lotes próximos as residências, e cem anos depois, já havia se transformado em cultura básica para as populações pobres de diversos países do continente europeu (NIÑEZ, 1984).

Além da reconhecida função de prover recursos alimentares e medicinais para a população, Brito & Coelho (2000) destacam ainda, que os quintais das cidades possuem uma considerável função estética. A parte em frente à residência, frequentemente pode ser ocupada com flores e plantas ornamentais que proporcionam sombra e embelezam a moradia.

É importante salientar, no entanto, que cada quintal apresenta particularidades, características que lhe são únicas, definidas por condições socioculturais, religiões, crenças e costumes que influencia na composição e diversidade de espécies presentes nestes espaços, sejam elas vegetais ou animais (KUMAR; NAIR, 2004). A perda dos quintais não implicaria somente na perda de um sistema ecologicamente estável e geneticamente rico, como também na perda da valiosa herança cultural a ele associada (NAIR; KRISHNANKUTTY, 1985).

Desta forma, esta pesquisa tem por finalidade ampliar o conhecimento sobre os recursos vegetais dos tradicionais quintais mato-grossenses, apresentando o universo das plantas que constituem, a princípio, o verde dos quintais da cidade de Rosário Oeste, em

uma demonstração do etnoconhecimento que emana do seu povo e é representado pelas plantas com as quais se relaciona.

Os objetivos que conduziram a presente proposta envolvem especificamente:

Identificar as espécies vegetais presentes nos quintais da cidade de Rosário Oeste;

Buscar além de suas características, informações etnobotânicas para se detectar as formas de uso desses recursos, mantidos e repassados através de gerações;

Identificar os aspectos históricos, culturais e sócioeconômicos dos habitantes locais, que podem influenciar na composição florística de seus quintais;

Analisar a estrutura e importância botânica dos quintais em uma cidade tradicional mato-grossense.

2. ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no município de Rosário Oeste – MT (figura 1). O número de habitantes do município é de 18.755, com densidade geográfica de 2,17 hab./km², sendo que 57% da população concentrada-se na área urbana e 43% na zona rural (IBGE, 2000).

O município de Rosário Oeste encontra-se a 133 km distante da capital, trafegando pela BR-163. Localizado a uma latitude 14° 49' 41" sul e longitude 56° 24' 51" oeste, à 192 metros de altitude, e extensão territorial de 8.802,05 km² (SEPLAN, 2003).

De acordo com Ferreira (2001) os quatro distritos do município são: Arruda, Bauxi, Marzagão e a Sede, *locus* da pesquisa.

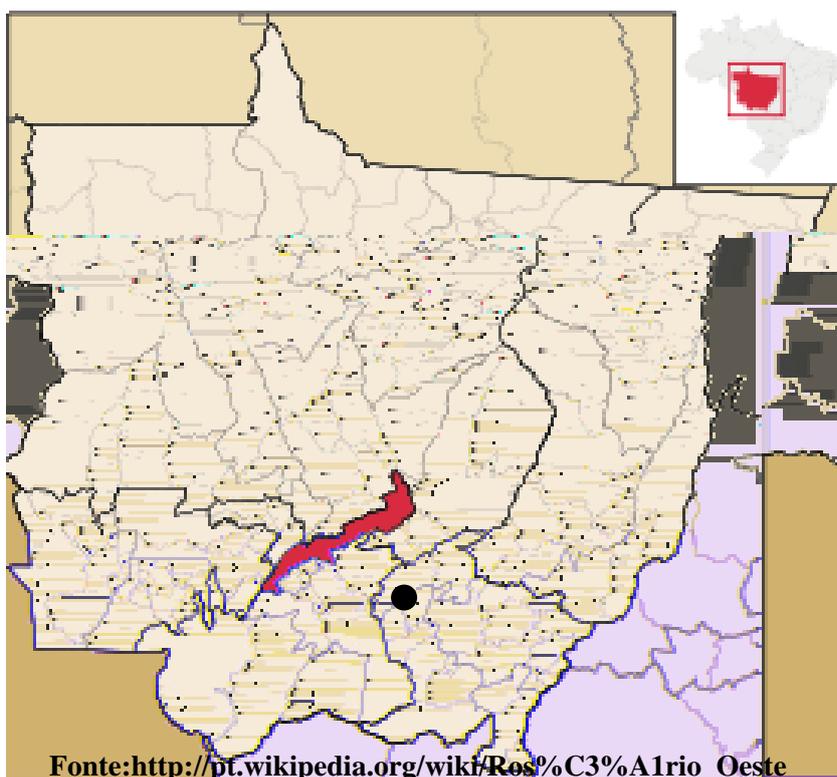


Figura 1. Localização de Rosário Oeste-MT em relação à capital Cuiabá-MT (●).

2.1. Histórico do município

De acordo com Ferreira (2001), Rosário Oeste teve a sua origem com o início do movimento garimpeiro, servia de passagem entre Diamantino e Cuiabá, o movimento entre estes dois núcleos teria iniciado por volta de 1747.

Segundo este mesmo autor em 1751, Inácio Maciel de Tourinho e sua mulher D. Maria Francisca Tourinho, fundaram um sítio à margem direita do ribeirão Monjolo, passando o sítio a ser conhecido pelo nome do ribeirão. Mandaram edificar uma capela, dedicada a Nossa Senhora do Rosário e devido a essa devoção o lugar tomou mais tarde o nome de Rosário.

A agricultura e pecuária foram rendendo e a povoação foi se firmando no sítio e com a abertura do garimpo em Diamantino o povoado de Nossa Senhora do Rosário foi se desenvolvendo, como ponto de pouso.

A gula pelo ouro atraía constantemente os seus moradores para Diamantino, fato este que provocou o aparecimento de um novo arraial próximo a Monjolo (SEPLAN, 1975).

Em 1812, o capitão José Pedro da Silva Prado, Marcelino R. de Toledo e o tenente-coronel Victoriano L. de Macedo, obtém, por carta de sesmaria, umas terras lavradas à margem direita do rio Cuiabá, nas imediações do arraial denominado Monjolo, anteriormente fundada na sesmaria de Inácio Tourinho.

O novo ponto desenvolveu mais que Monjolo, os moradores trasladaram a imagem de Nossa Senhora do Rosário para o povoado novo, juntamente com os moradores restantes do antigo povoado. E aos poucos o povoado foi sendo chamado de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima, porque situava acima do rio Cuiabá. Em 25 de junho de 1861 criou-se o município.

As terras provenientes de sesmarias foram importantes formas de ocupação do território, e exerceram grande influência no desenvolvimento de vários municípios do Estado de Mato Grosso. Segundo Diniz (2005) as leis das sesmarias em Portugal eram muito rígidas, chegando a ter 19 artigos. Porém, no Brasil, tais leis não chegaram a ser estabelecidas, a única exigência para receber as terras, era mesmo o cultivo. Mesmo tendo sido estabelecida, em princípio, a necessidade de ser cristão para se receber a terra, aqueles que se dispusesse a lavrá-la poderiam recebê-las.

As terras oriundas de cartas de sesmarias foram cultivadas, e graças à relativa fertilidade do solo, a agricultura se desenvolveu satisfatoriamente na região (SEPLAN, 1975). E até hoje a agricultura, pecuária e extração vegetal fundamentam as bases econômicas do município (IBGE, 2000).

O nome de Rosário Oeste merece destaque no cenário nacional, por ter sido o primeiro município mato-grossense a ser instalada em suas terras, uma usina hidrelétrica, que captava as águas do Ribeirão Serragem, hoje município de Nobres. Foi também o

primeiro município de Mato Grosso, senão do Brasil, a ter uma mulher no cargo de chefe executivo municipal.

2.1.2. Clima e Atividades Econômicas

De acordo com Silva (2000) e Ferreira (2001) o clima da região pode ser caracterizado como tropical sub-úmido, tendo em média um período de seca de cinco meses. A precipitação anual varia de 1137 a 2200 mm e a temperatura média anual na ordem de 29°C. As atividades econômicas principais são a pecuária de cria recria e de corte, a agricultura de arroz e milho, especialmente de subsistência, comércio e potencial para o eco-turismo.

2.1.3 Vegetação

A vegetação predominante na área do município é o Cerrado, com várias fitofisionomias, e matas ao longo do curso dos rios, das encostas de morros, serras e escarpas, formando em alguns casos extensas áreas florestais (SILVA, 2000). De acordo com (GUARIM NETO, 2002) a vegetação do Cerrado é caracterizada por uma série de fitofisionomias: Campo limpo, Campo sujo, Cerrado S.S., Cerradão, entre outras.

2.2. A Área Urbana de Rosário Oeste e a Importância de seus Quintais

Martins (1998) recomenda um olhar mais atento para os quintais, pois é nele que se pode encontrar grande parte das plantas medicinais cultivadas, por ser um local mais próximo a residência e de fácil obtenção. Segundo o autor há uma pequena diferença entre quintais rurais e quintais urbanos, a quantidade de plantas medicinais varia de um lugar para o outro por causa das diferenças ligadas às pessoas e suas necessidades pessoais, bem como o espaço físico.

A função dos quintais é dada a partir daquilo que seus moradores destinam a esses espaços, o que pode ser muito diferente quando se observa os quintais de áreas urbanas de cidades mais modernas, com suas piscinas e áreas de lazer fortemente instaladas, com os quintais de cidades mais tradicionais, mais antigas.

Nos municípios tradicionais matogrossenses, como Acorizal, Santo Antônio do Leverger, Rosário Oeste e algumas comunidades tradicionais de Cuiabá, estudados respectivamente por Gutberlet (1994), Jorge (2001), Morais (2003), Pasa (2004) e Xavier (2005), os quintais constituem espaços próximos à residência, destinados ao cultivo de

diversas espécies vegetais e em alguns casos a criação de pequenos animais como galinhas e porcos.

Nestes locais a representação das necessidades humanas aparece com perfeição e mais que isso, aparece formas de conservação da biodiversidade e dos elementos que permeiam a cultura de seu povo. Diegues & Moreira (2001) afirmam que em muitos casos, especialmente em comunidades ribeirinhas, os quintais são espaços de uso comum e de conservação de recursos.

De acordo com Guarim Neto & Carniello (2007) estudos que tratam das relações entre os seres humanos e o ambiente têm mostrado uma forte interação entre estes componentes, cuja manifestação é desvendada a partir das representações emanadas das populações humanas das mais diversificadas regiões, com modos de vida e saberes que mostram a miscigenação entre as etnias indígena, negra e branca, formadoras do povo brasileiro.

Na cidade de Rosário Oeste, os quintais assumem uma importância fundamental na malha viária urbana, definindo espaços repletos de um saber local, assim como o proposto por Geertz (2000), espaços de conservação e manutenção dos aspectos mais peculiares que a população traduz em seu cotidiano, mostrando uma adaptabilidade humana ao ambiente e um conhecimento repassado através de gerações (MORÁN, 1994).

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado seguindo a metodologia de pesquisa sugerida por estudos etnoecológicos e etnobotânicos (MARTIN, 1995; ALEXIADES 1996; AMOROZO *et al.*, 2002) com base na pesquisa qualitativa e quantitativa.

As características da pesquisa qualitativa adotadas como bases para o desenvolvimento desse trabalho seguiram entre outras, as indicações sugeridas por Lüdke & André (1986) e Triviños (1987).

De acordo com Marques (2002) existe a necessidade de uma abordagem equilibrada, reconhecendo a legitimidade da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa, buscando, se necessário, a integração entre ambas, uma oferecendo resposta às questões que a outra não consegue explicar. Elas podem e devem ser utilizadas como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade.

3. Abordagem metodológica (Análise qualitativa)

Posey (1987a) recomenda em trabalhos etnoecológicos o uso de uma metodologia “geradora de dados” priorizando a qualidade das informações e não a sua quantidade.

Sugere-se que as questões sejam dirigidas com o máximo de abertura, para que o informante possa discursar livremente, com base nos seus conhecimentos, que é a verdadeira razão da entrevista.

Nordi *et al.* (2001) afirma que o procedimento metodológico de pesquisas etnoecológicas, deve abordar a elaboração de um roteiro simples de perguntas geradora de informações, que funcionará como um guia durante a pesquisa de campo, de forma a garantir a liberdade do entrevistado para argumentar sobre sua vida, costumes, religiões, crenças e sua relação com o ambiente.

Assim como o apresentado por Santos (2004), este trabalho baseia-se, especialmente, no âmbito da pesquisa qualitativa, com o ambiente natural sendo a fonte direta de informações e o pesquisador o instrumento para tal, de caráter descritivo onde a principal preocupação do pesquisador encontra-se no significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida; analisando os dados sob enfoque indutivo (GODOY, 1995).

A metodologia utilizada baseia-se no Estudo de Caso que consiste na investigação exaustiva e profunda de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o

conhecimento profundo e detalhado sobre o mesmo, o que seria dificultado com outros delineamentos metodológicos (LUDKE; ANDRÉ, 1986; GIL, 1991; GODOY, 1995; RICHARDSON, 1999;).

De acordo com Godoy (1995) este método vem sendo amplamente utilizado em pesquisas que investigam “Como” e “Por quê” certos fenômenos acontecem, quando há pouco controle sobre os eventos estudados, o foco de interesse são fenômenos atuais e as técnicas utilizadas são principalmente a observação direta e a entrevista. Apesar do estudo de caso ser essencialmente qualitativo, dados quantitativos pode ser utilizado no sentido de aclarar aspectos relevantes da questão investigada.

Durante a pesquisa utilizou-se basicamente o estudo de caso aplicando-se como condução metodológicas técnicas de entrevistas semi-estruturadas, com questões norteadoras do tipo abertas e fechadas, sem a imposição de uma ordem rígida de questões, onde o entrevistado decorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo é a verdadeira razão da entrevista (LUDKE; ANDRÉ, 1986; RICHARDSON, 1999).

A frequência das visitas na área de estudo foi mensal de setembro a dezembro de 2006 e esporádicas no ano de 2007, na cidade de Rosário Oeste - MT, realizando um estudo do conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais pelos moradores dos bairros Nossa Sra. Aparecida e Monjolo na sede da cidade. Durante a pesquisa foram utilizadas ferramentas como o diário de campo, observação participante, gravação de voz, e registros fotográficos, quando autorizado pelos informantes.

3.1. Coleta de dados

Os quintais pertencentes à amostra localizam-se na área urbana do município de Rosário Oeste-MT. Para a coleta das informações foram escolhidos intencionalmente dois bairros tradicionais da cidade, o Bairro Nossa Senhora Aparecida e o Bairro Monjolo (figura 2).

A coleta dos dados etnobotânicos foi realizada através de visitas domiciliares, priorizando amostras intencionais, ou seja, informantes categorizados (THIOLLENT, 1996) que gradativamente foram se incorporando à pesquisa (NODA, 2000), como fontes de informação.

ThiolleNT (1996) explica que o princípio da intencionalidade é adequado no contexto da pesquisa social com ênfase nos aspectos qualitativos, uma vez que nesse tipo

de pesquisa todas as unidades não são consideradas como equivalentes, ou seja, de relevância igual.

Dessa forma, foram entrevistadas preferencialmente as pessoas mais idosas de cada domicílio, raizeiros, benzedeiros, e outras pessoas apontadas por membros da comunidade como possuidoras de um saber sobre o assunto e aquelas que se dispuseram em participar da pesquisa.

Segundo Amorozo (1996), a pesquisa etnobotânica baseia-se em dois pontos principais: a coleta de plantas e a coleta de informações sobre o uso das plantas; premissa adotada na coleta dos dados.

As coletas etnobotânicas foram efetuadas através das visitas domiciliares, utilizando para coleta das plantas a metodologia usual para trabalhos dessa natureza (NODA, 2000; MARTIN, 1995; ALEXIADES, 1996 e AMOROZO et al., 2002). As unidades amostrais foram definidas através da curva espécie-área (espécie-informante).

A entrevista para coleta dos dados continha uma série de perguntas abertas (ALBUQUERQUE, 2002; AMOROZO, 1996) buscando informações sócio-econômicas dos moradores e dados sobre as espécies vegetais de seus quintais como utilização, parte utilizada, modo de preparação, indicação terapêutica, e outras observações pertinentes realizadas no local (Anexo I e II).

No decorrer das entrevistas, os informantes apresentavam seus quintais e apontavam as plantas por eles utilizadas, que foram anotadas e classificadas em diferentes categorias de uso: alimentar, medicinal, ornamental, místico/religioso, beleza pessoal e outros usos, que, através das etnocategorias podem ser evidenciados a importância das espécies sob o ponto de vista do habitante autóctone dessa região.

Para descrever a configuração espacial e a estrutura dos quintais com ênfase nos seus principais estratos (alto, médio, baixo), foram elaborados croquis de alguns quintais com auxílio de uma trena, com base na medida do terreno, tendo como ponto principal a distância da casa em relação às plantas e outras benfeitoras existentes na residência.

3.2. Análises quantitativas dos dados

Foram utilizadas análises quantitativas e qualitativas no sentido de alcançar um padrão máximo de clareza metodológica.

Qualitativamente os dados foram analisados em categorias distintas, procurando estabelecer um diálogo entre as informações coletadas e o saber dos moradores locais.

Pasa (2004) reconhece que o uso de métodos quantitativos é importante para uma visão aplicada, pois dá ênfase à coleta de dados. Assim como Morán (1994) enfatiza, que uso de tais métodos possibilitam a comparação de estudos independentes, permitindo análises temporais comparativas.

Neste estudo foram empregadas análises quantitativas usadas em etnobotânica e etnoecologia com a finalidade avaliar a importância relativa das espécies vegetais utilizadas.

Os índices utilizados em trabalhos etnobotânicos e etnoecológicos calculados foram:

O nível de fidelidade (NF) de cada planta, que serve para quantificar a importância da espécie para uma finalidade principal e a Concordância quanto aos Usos Principais (CUP), que serve para neutralizar a maior ou menor popularidade de uma espécie, utilizando para calcular este índice um Fator de Correção (FC).

Os procedimentos para os cálculos utilizados foram adaptados de Friedman *et al.* (1986) por Amorozo & Gély (1988):

$$NF = \frac{IP}{IU} \times 100 (\%)$$

Onde: IP = nº. informantes citaram o uso principal

IU = nº. informantes citando qualquer uso da espécie

FC = IU/ nº. informantes citaram espécie mais citada

CUP = NF X FC

3.3. Identificação botânica

As espécies vegetais foram identificadas *in loco*, o material botânico fértil foi coletado e encaminhado ao Laboratório de Botânica da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Herbário Central da UFMT, onde se encontram depositadas.

As espécies botânicas foram identificadas em categorias taxonômicas de família, gênero e espécie, com auxílio de especialistas. A atualização taxonômica dos nomes científicos foi feita por intermédio do Mobot.com (Missouri Botânica Gardini-EUA).

O Sistema de Classificação adotado foi o de Cronquist (1988), com algumas adaptações. Os nomes vulgares das plantas (etnoespécies) mencionados pelos entrevistados, aspectos ecológicos e de uso também foram considerados para cada planta coletada.

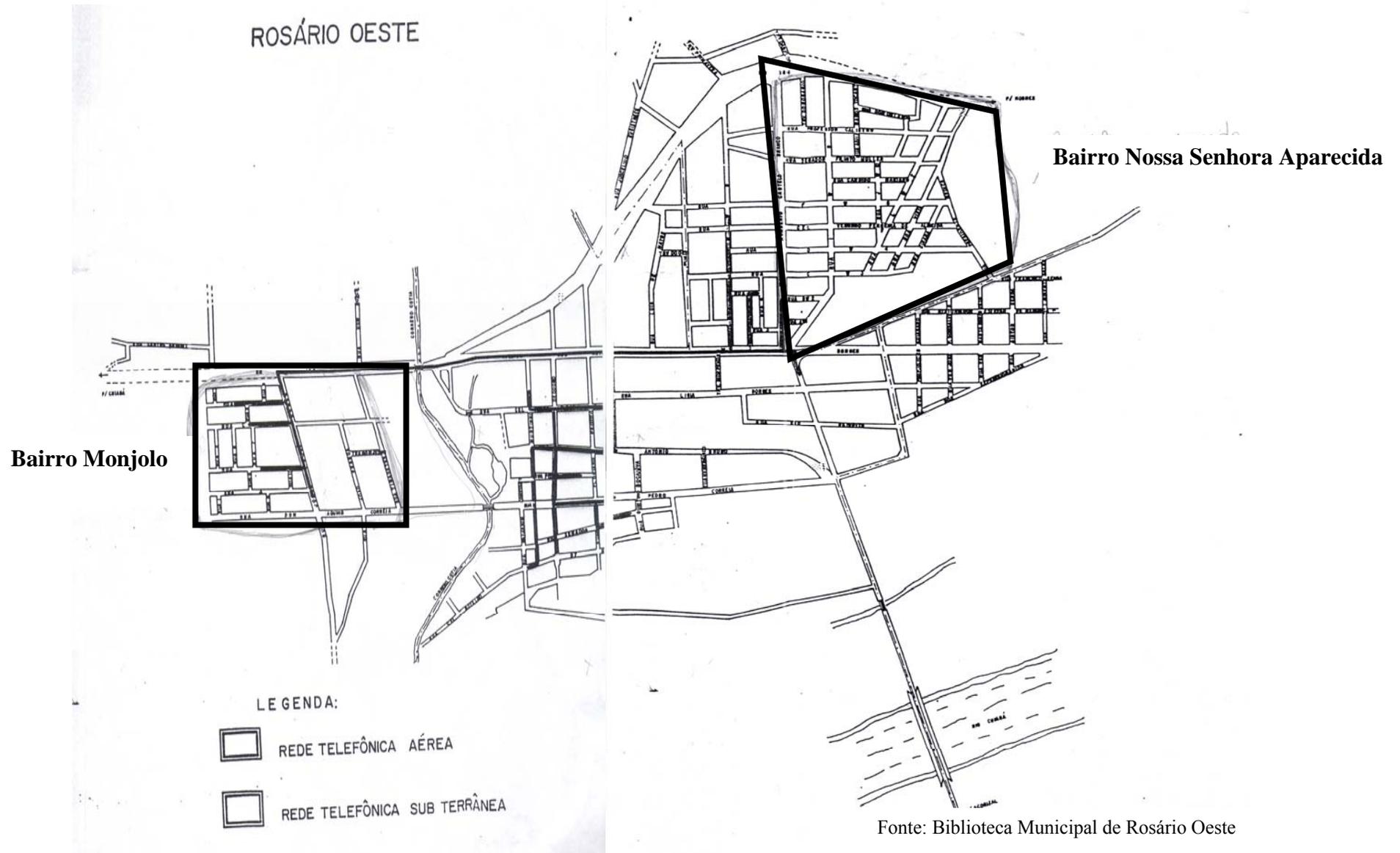


Figura 2. Representação da área urbana de Rosário Oeste-MT, e dos Bairros Monjolo e Nossa Senhora Aparecida.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Características dos informantes

A idade média dos entrevistados foi de 50 anos, sendo a maioria dos entrevistados do sexo feminino (51), e 11 do sexo masculino.

Em certas ocasiões mesmo quando o homem se fazia presente durante a entrevista, a mulher era sempre indicada pelo marido a participar da pesquisa, pois era a responsável pela manutenção do quintal e poderia responder melhor as perguntas.

A entrevista foi composta basicamente por cidadãos rosarienses, nascidos na cidade ou na maioria dos casos na zona rural do município. Apenas 12 dos 62 informantes não nasceram no município de Rosário Oeste, mas praticamente todos os entrevistados têm origem no estado de Mato Grosso, com exceção de dois informantes migrantes, um de São Paulo e outro de Goiás.

O tempo médio de moradia no lote foi de 17 anos, no entanto existiam entre os entrevistados, pessoas que residiam a mais de 50 anos no mesmo local. Em contrapartida, foram registrados três moradores com menos de dois anos na residência.

Os informantes de Rosário Oeste apresentaram baixa escolaridade, sendo que 68 % deles não possuem o 1º grau completo e 15% nunca freqüentaram a escola (figura 3), totalizando 83 % dos entrevistados.

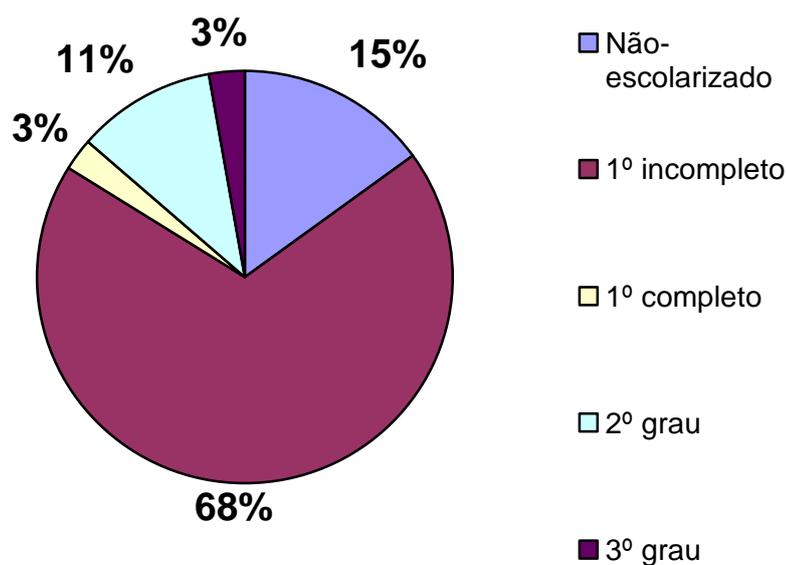


Figura 3. Escolaridade dos moradores de Rosário Oeste - MT que participaram da pesquisa.

A maioria dos entrevistados foram as donas de casa (60%), este resultado era esperado uma vez que as entrevistas foram realizadas durante o dia, horário em que geralmente se encontra na residência a mulher, cuidando da casa, do quintal e dos filhos menores.

No entanto, outras ocupações puderam ser registradas (figura 4). A renda familiar dos moradores de Rosário Oeste é em geral baixa, neste trabalho variou entre um e três salários mínimos, sendo que a aposentadoria constitui uma importante fonte de renda para grande parte das famílias envolvidas na pesquisa.

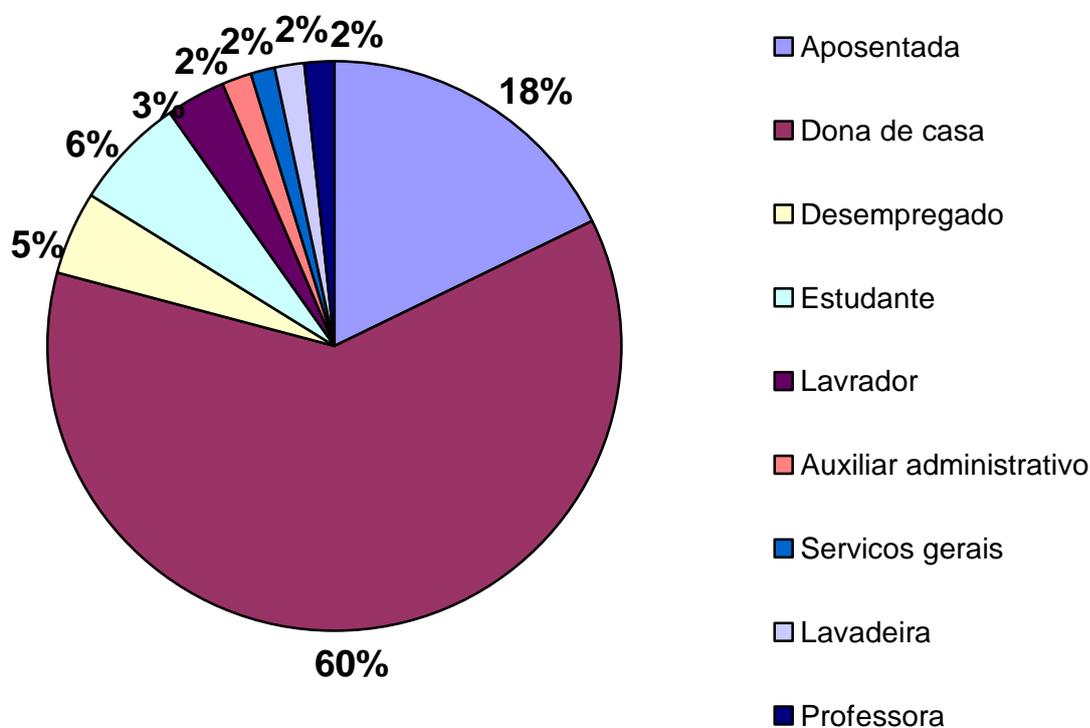


Figura 4. Ocupação declarada pelos entrevistados do município de Rosário Oeste-MT.

4.2. Relação espécie-informante

De acordo com Odum (1988) as relações espécie-área são utilizadas para demonstrar o tamanho ótimo de amostras, bem como para predizer o número de espécies em áreas maiores do que a área amostrada.

No presente trabalho, as amostras foram realizadas de acordo com a curva espécie-informante. A curva obtida demonstra que a partir do 20º quintal, houve pouco incremento de novas espécies, e mais da metade das espécies registradas já haviam sido

encontradas. A exceção ocorreu no quintal 49, onde houve um salto na amostra, com um incremento de 16 espécies novas (figura 5).

O quintal onde ocorreu esse aumento na curva possuía um terreno de 1000 m², a maioria das plantas encontradas no quintal era de origem exótica, cultivadas especialmente para a alimentação. No entanto, algumas espécies nativas também foram encontradas, especialmente no fundo do lote onde o quintal fazia limite com uma área de Cerrado. A moradora conservava as espécies, que ali nasciam por fazer uso de algumas delas.

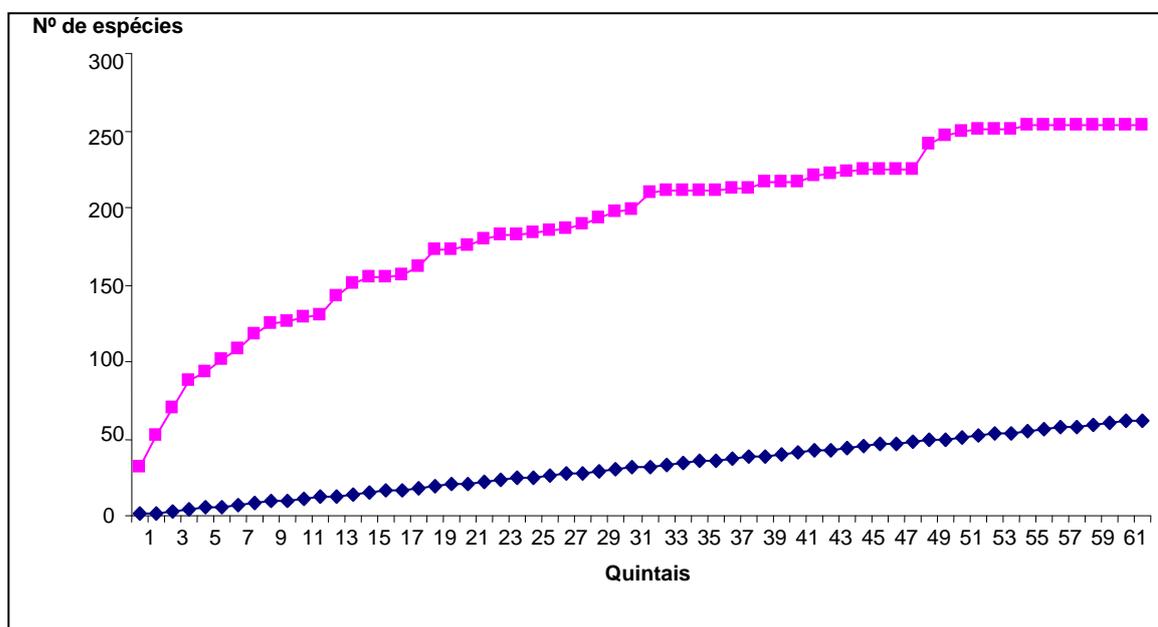


Figura 5. Curva espécie-área representando a relação entre espécie-quintal nos bairros Nossa Sra. Aparecida e Monjolo em Rosário Oeste-MT.

4.3. Os quintais estudados (descrição; tamanho; organização; importância)

“A gente não é nada sem quintal...”

(E.M.P. Moradora do quintal nº. 06 do Bairro Nossa Sra. da Guia)

A forma de organização, o tamanho, a estrutura e os diferentes estratos presentes nos quintais revelam a vocação ou potencial de cada quintal, que cumprem funções específicas de acordo com as necessidades e características dos seus moradores.

De acordo com Soemarwoto & Conway (1992) os quintais recebem diferentes denominações nas diversas partes do mundo, assim como recebem diferentes nomes por seus moradores: terreiros, terreno, lote, jardins ou horta. Na verdade, os quintais são espaços que circundam as moradias, onde geralmente são cultivadas diversas espécies com o potencial de suprir às necessidades básicas de seus moradores, como a alimentação, a medicina tradicional, uso ornamental, além de possuir função sócio-cultural (POSEY, 1986; NAIR, 1993).

Pasa (2004) salienta a importância dos quintais, especialmente através da produção hortifrutífera, que permite à população manter uma baixa dependência de produtos adquiridos externamente, ocasiona impactos mínimos sobre o ambiente, conserva os recursos vegetais e a riqueza cultural, fundamentada no saber e cultura dos moradores locais e utiliza os insumos naturais, promovendo a reciclagem de elementos naturais. Ao mesmo tempo, o quintal fortalece os vínculos sociais da comunidade, através da utilização do espaço para atividades sociais como rezas, festas e lazer.

Os quintais rosarienses variam de tamanho, sendo o menor quintal com 180 m² e o maior medindo ½ hectare (5.000 m²). A área média dos quintais foi de 622 m², sendo todos de formato retangular.

Além das plantas cultivadas, eram frequentemente encontrados nos fundos dos quintais, espaços destinados à criação de animais como “galinheiros” e outros objetos tais como fogão à lenha, fornalhas, “giraus”, tambores e utensílios domésticos, objetos estes que podiam estar armazenados em “barracos” ou simplesmente ao ar livre no terreno (figura 6).



Figura 6. Aspecto dos tradicionais quintais da cidade de Rosário-Oeste.

Os quintais de Rosário Oeste possuem características semelhantes às descritas por Noda (2000) e Santos (2004), consistem de espaços destinados ao manejo de árvores, arbustos e ervas, para diferentes finalidades, com cultivos perenes e anuais, cultivados em consórcio com pequenos animais, sendo a responsabilidade de manutenção do mesmo exercido principalmente pelas mulheres.

Rico-Gray *et al.* (1990), ressaltam que a estrutura do quintal relaciona-se à experiências culturais e história de vida de cada proprietário. Assim, a distribuição dos elementos que compõem um quintal varia em decorrência de questões culturais, espaço, função e história, refletindo diretamente situações e experiências vividas.

Os quintais constituem espaços estratégicos utilizados de muitos modos por seus moradores numa tentativa de adequação à realidade, relacionando o seu ambiente e contexto cultural (GUARIM, 2000).

As diversas variedades de plantas mantidas no quintal pelo morador podem representar a concepção de mundo que apresentam, ou ainda as diferentes necessidades do grupo social em que vive (AMOROZO 2002b).

A estrutura espacial, dos vegetais presentes nos quintais dos bairros Nossa Sra. Aparecida e Monjolo em Rosário Oeste, apresentam em média, três estratos: o herbáceo, o arbustivo/subarbustivo e o arbóreo.

O estrato arbóreo representado por árvores como a mangueira (*Mangifera indica*), o mamão (*Carica papaya*), o coco-da-bahia (*Cocos nucifera*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*). No segundo estrato (o arbustivo) estão presentes a laranjeira (*Citrus aurantium*), o limoeiro (*Citrus limonum*), e o algodoeiro (*Cochlospermum regium*). O estrato herbáceo é representado pelas ervas medicinais, culturas hortícolas e algumas plantas ornamentais, como exemplo têm-se a camomila (*Matricaria chamomilla*), carqueja (*Baccharis trimera*), o picão (*Ageratum conyzoides*), o alface (*Lactuca sativa*), a rúcula (*Eruca sativa*) e o beijo (*Impatiens walleriana*).

Caballero (1992) afirma que um dos critérios mais adotados pelas pessoas quando plantam e manejam o quintal é evitar a competição de luz entre os indivíduos. As pessoas plantam as árvores, arbusto e herbáceas de forma a evitar tal competição, evitando desta forma que plantas do extrato superior impeçam totalmente as plantas menores de receber luz.

Segundo Nair (1993) os principais tipos de interações positivas na interface árvore-cultura estão relacionados com o melhoramento do microclima e balanço dos nutrientes. Em sistemas agroflorestais, a melhoria do clima, envolvendo relações de umidade e temperatura do solo, resulta do uso das árvores para sombra, cercas vivas ou quebra-vento.

Esta mesma fonte informa que ocorre uma similaridade entre os quintais distribuídos nas regiões tropicais, especialmente com relação aos componentes herbáceos, uma vez que a maioria dessas plantas é destinada a alimentação. Ressaltando que a arquitetura de um sub-dossel seleciona as espécies tolerantes a sombra, que se adaptam a esse ambiente. Dessa forma, a composição das espécies vegetais presentes no quintal influenciará o padrão e o ritmo de manutenção desse ecossistema.

Assim como o observado por Santos (2004) com relação à organização espacial do quintal, foi possível identificar dois principais padrões de distribuição:

- Quintais onde os arranjos dos vegetais assemelham-se a sistemas agroflorestais de cultivo, caracterizando o plantio de *miscelânea*, sem obediência às regras de espaço e alinhamento entre as plantas.

- Quintais onde as plantas são nitidamente distribuídas, onde ocorre à delimitação das espécies conforme o porte, ou função do vegetal.

O padrão de plantio de *miscelânea* foi predominante entre os quintais estudados dos bairros N. Sra Aparecida e Monjolo (figura 7).



Fonte: Cleomara Amaral

Figura 7. Padrão semelhante ao plantio de *miscelânea* encontrado nos bairros de Rosário Oeste.

No entanto, foi possível notar que alguns quintais apresentam regras na distribuição do plantio, onde a organização do espaço é feita de acordo com a função e/ou porte do vegetal (figura 8 e 9).

Na verdade, esta forma de organização obedece a regras de distribuição impostas pelo próprio morador, mantenedor do quintal, que distribui as plantas de acordo com suas preferências particulares e conhecimentos oriundos de sua “bagagem” cultural.

De acordo com Carniello (2007) o quintal representa um espaço, no qual as idéias, hábitos e todo o acervo cultural do núcleo familiar são materializados. As características e disposição das edificações, objetos, as plantas (tipos de manejo e utilização), a criação de animais, ritos religiosos, lazer e demais manifestações, consubstanciam o ser e o fazer de populações humanas assentadas em áreas urbanas e rurais.

É de costume dos moradores entrevistados, por exemplo, cultivar hortaliças em canteiros separados, uma vez que essas plantas exigem maiores cuidados quanto ao

solo, luminosidade e intensidade de rega. Algumas vezes, essas plantas também são cultivadas em conjunto com plantas medicinais, ao utilizarem tais técnicas, os moradores estão facilitando o manejo e o controle de doenças e pragas que podem atacar a plantação.

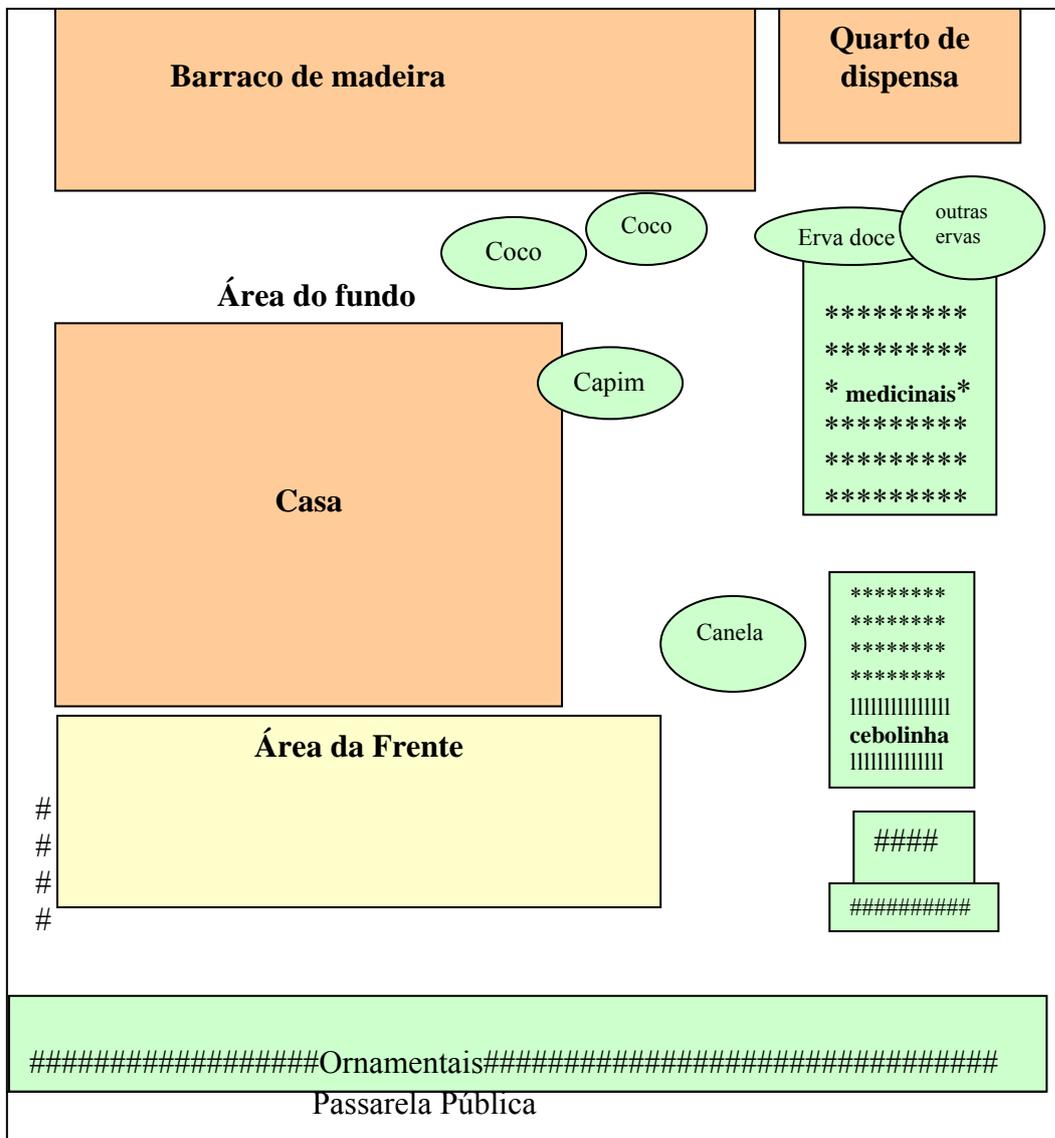


Figura 8. Croqui do quintal nº. 02 do bairro Nossa Sra. Aparecida, mostrando a organização do quintal. Legenda: # = ornamentais; * = medicinais; llll = cebolinha e outras ervas condimentares.



Figura 9. Quintal com organização no plantio. Quintal nº02 Bairro N. Sra Aparecida.

4.4. A flora dos quintais: elementos essenciais do cotidiano rosariense (famílias e espécies botânicas)

Nos quintais urbanos de Rosário Oeste foram observadas 253 espécies vegetais, distribuídas em 82 famílias botânicas. As famílias botânicas mais representativas foram Asteraceae (18 espécies), Euphorbiaceae (14), Lamiaceae (14) e Araceae (12), (tabela 1). Estas famílias, especialmente Asteraceae e Lamiaceae, são frequentemente encontradas como as mais representativas em outros estudos etnobotânicos como o de Morais (2003); Pasa (2004); Santos (2004), Amaral (2005) e Xavier (2005), destacando nestas famílias as espécies com finalidade medicinal.

No estudo dos quintais rosarienses, as espécies exóticas foram as mais frequentes, estas espécies são cultivadas especialmente para a finalidade alimentar e ornamental. Entretanto, é possível encontrar nestes espaços algumas espécies representantes da flora local como a bocaiúva *Acrocomia aculeata*, o jenipapo *Genipa americana*, a aroeira *Myracrodruon urundeuva*, e o buriti *Mauritia flexuosa* (figura 10).

As espécies vegetais representantes da flora nativa são mudas oriundas de matas, sítios e outras áreas de cerrado próximas à cidade. Apesar de estas espécies serem a minoria em relação às plantas exóticas, nem por isso deixam de ser importantes.

A aroeira *Myracrodruon urundeuva*, por exemplo, foi uma planta citada por apenas um informante, segundo o mesmo, a planta era cultivada em seu quintal por ser presente de um parente que morava no campo e devido às propriedades medicinais da espécie. De acordo com Cabral & Carniello (2004) estudando quintais de uma comunidade de Cáceres-MT, *Myracrodruon urundeuva* é a espécie vegetal nativa da região mais indicada como medicinal, possuindo diferentes formas de uso e propriedades medicinais.



Fonte: Cleomara N. Amaral

Figura 10. Vista da infrutescência de Buriti (*Mauritia flexuosa*), um representante da flora local encontrado no Bairro Nossa Sra. Aparecida em Rosário Oeste.

Tabela 1. Composição Florística dos Quintais Rosarienses. (AL= alimentar; ME= medicinal; OR= ornamental; MR= místico/religioso, BE= beleza pessoal, OU= outros usos; Av=árvore; Heb=herbácea; Arb= Arbusto; Epf = Epífitas; Trep=Trepadeira).

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito | |
|-----------------------|---------------------------------------|--|--|---------------|------|
| Acanthaceae | Anador | <i>Justicia pectoralis</i> Jacq. | ME | Heb | |
| Alismataceae | Chapéu-de-couro | <i>Echinodorus paniculatus</i> Micheli | ME | Heb | |
| Amaranthaceae | Crista de galo/suspiro | <i>Celosia cristata</i> L. | OR | Heb | |
| | Dipirona | <i>Alternanthera</i> sp. | ME | Heb | |
| | Terramicina | <i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R.E. Fr. | ME | Heb | |
| Amaryllidaceae | Lírio | <i>Zephyranthes rosea</i> Lindl. | OR | Heb | |
| | Lírio-branco/frota | <i>Eucharis x grandiflora</i> Planch & Lind. | OR | Heb | |
| | Lírio-vermelho | <i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze | OR | Heb | |
| | Pita | <i>Agave americana</i> L. | MR | Heb | |
| Anacardiaceae | Aroeira | <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão | ME | Av | |
| | Cajá-manga | <i>Spondias mombin</i> L. | AL | Av | |
| | Cajueiro | <i>Anacardium occidentale</i> L. | AL/ME | Av | |
| | Jacote | <i>Spondias purpurea</i> L. | AL | Av | |
| | Mangueira | <i>Mangifera indica</i> L. | AL | Av | |
| Annonaceae | Ata | <i>Annona squamosa</i> L. | AL | Av | |
| | Graviola | <i>A. muricata</i> L. | AL | Av | |
| Apiaceae | Cenoura | <i>Daucus carota</i> L. | AL | Heb | |
| | Coentro | <i>Coriandrum sativum</i> L. | AL | Heb | |
| | Coentro-folha-larga/ Coentro-da-índia | <i>Eryngium foetidum</i> L. | AL | Heb | |
| | Erva-doce | <i>Pimpinella anisum</i> L. | ME/AL | Heb | |
| | Salsinha | <i>Petroselinum sativum</i> subsp. <i>Sativum</i> | AL | Heb | |
| | Apocynaceae | Alamanda/ Papoula | <i>Allamanda</i> sp. | OR | Trep |
| | | Boa-noite/Maria-sem-vergonha | <i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don | OR | Heb |
| Café-jasmim | | <i>Ervatamia coronaria</i> (Jacq.) Stapf | OR | Arb | |

Continua

Continuação tabela1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|-------------------|--|---|---|---------------|
| Araceae | Antúrio | <i>Anthurium andraeanum</i> Linden | OR | Heb |
| | Antúrio-perfumado | <i>Anthurium</i> sp. | OR | Heb |
| | Cará-da-folha- larga/inhame/tapioc a | <i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott | AL | Heb |
| | Comigo-ninguém- pode | <i>Dieffenbachia picta</i> Schott. | MR/OR | Heb |
| | Costela-de-Adão | <i>Monstera deliciosa</i> Liebm. | OR | Heb |
| | Folhagem1 (trepadeira) | <i>Syngonium podophyllum</i> Schott | OR | Trep |
| | Folhagem2 (coração) | <i>Philodendron</i> sp. | OR | Trep |
| | Folhagem3 colorida | <i>Caladium X hortulanum</i> Birdsey | OR | Trep |
| | Imbé | <i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl. | OR | Trep |
| | Imbé-do-mato | <i>Philodendron</i> sp. | ME | Heb |
| | Lírio-da-paz | <i>Spathiphyllum</i> sp. | OR | Heb |
| | Sapatinho-de-anjo | <i>Caladium humboldtii</i> Schott | OR | Heb |
| | Araliaceae | Jurema/ rajadinha | <i>Polyscias guilfoylei victorie</i> (W. Bull) L.H. Bailey | OR/MR |
| Mão-de-gato | | <i>Schefflera arboricola</i> Hayata | OR | Arb |
| Arecaceae | Aguaçu/Babaçu | <i>Attalea speciosa</i> Mart. ex Spreng. | AL | Av |
| | Buriti | <i>Mauritia flexuosa</i> L.f. | AL/ME | Av |
| | Bocaiúva | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. | AL/ME | Av |
| | Coco-da-Bahia | <i>Cocos nucifera</i> L. | AL/ME | Av |
| | Gueraba | <i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc. | AL | Av |
| Asteraceae | Alface | <i>Lactuca sativa</i> L | AL | Heb |
| | Almeirão | <i>Chicorium endivia</i> L. | AL | Heb |
| | Artemísia | <i>Artemisia annua</i> L. | ME | Heb |
| | Assa-peixe | <i>Vernonia</i> sp. | ME | Heb |
| | Camomila | <i>Matricaria chamomilla</i> L. | ME | Heb |
| | Canferana/Estomali na/Figatil | <i>Vernonia condensata</i> Baker | ME | Av |
| | Cardo-santo | <i>Cnicus benedictus</i> L. | ME | Heb |

Continua

Continuação tabela 1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|-----------------------|--------------------------|---|------------|---------------|
| | Carqueja | <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. | ME | Heb |
| | Chicória | <i>Chicorium intybus</i> L. | ME | Heb |
| | Cravo | <i>Tagetes erecta</i> L. | OR | Heb |
| | Cravo(laranja) | <i>Bidens sulphurea</i> (Cav.) Sch. Bip. | OR | Heb |
| | Cravo(rosa) | <i>Bidens bipinnata</i> L. | OR | Heb |
| | Dália | <i>Dhalia pinnata</i> Cav. | OR | Heb |
| | Girassol | <i>Helianthus annuus</i> L. | OR | Heb |
| | Guaco | <i>Mikania glomerata</i> Spreng. | ME | Trep |
| | Losna | <i>Artemisia absinthium</i> L. | ME | Heb |
| | Picão-branco | <i>Bidens pilosa</i> L. | ME | Heb |
| | Picão- roxo/Mentrasto | <i>Ageratum conyzoides</i> L. | ME | Heb |
| Balsaminaceae | Beijo | <i>Impatiens walleriana</i> Hook. f. | OR | Heb |
| | Beijo-gêmeas | <i>Impatiens hawkeri</i> Bull. | OR | Heb |
| Bignoniaceae | Tansagem-falsa | <i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl. | ME | Arb |
| | Cabaça | <i>Crescentia cujete</i> L. | OU | Av |
| Bixaceae | Urucum | <i>Bixa orellana</i> L. | OU/ME | Av |
| Bombacaceae | Paineira | <i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil. | OU | Av |
| Boraginaceae | Confrei | <i>Symphytum officinale</i> L. | ME | Heb |
| Brassicaceae | Couve | <i>Brassica oleracea</i> L. | AL/ME | Heb |
| | Rabanete | <i>Raphanus sativus</i> L. | AL | Heb |
| | Repolho | <i>Brassica capitata</i> L.(H.) Lév. | AL | Heb |
| | Rúcula | <i>Eruca sativa</i> Mill. | AL | Heb |
| Bromeliaceae | Abacaxi | <i>Ananas comosus</i> (L.) Merr. | AL | Heb |
| Cactaceae | Cacto sp1 | <i>Cereus</i> sp. | OR | Cacto |
| | Mandacaru | <i>Cereus</i> sp. | OR | Cacto |
| | Palma | <i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck | OR | Cacto |
| Caesalpinaceae | Brinco-de-Moça | <i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw. | OR | Av |
| | Pata-de-vaca | <i>Bauhinia</i> sp. | ME | Heb |
| | Fedegoso | <i>Cassia occidentalis</i> L. | ME | Heb |
| | Jucá | <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. | OR; ME | Av |
| | Mata-pasto | <i>Senna alata</i> (L.) Roxb. | ME | Heb |
| | Tamarindo | <i>Tamarindus indica</i> L. | AL/ ME | Av |
| Cannaceae | Bandeira-amarela | <i>Canna x generalis</i> L.H. Bailey | OR | Heb |

Continua

Continuação tabela 1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|-------------------------|------------------------|---|------------|---------------|
| Capparaceae | Carajé | <i>Cleome affinis</i> D.C. | ME | Heb |
| Caprifoliaceae | Sabugueiro | <i>Sambucus nigra</i> L. | ME | Arb |
| Caricaceae | Mamoeiro | <i>Carica papaya</i> L. | AL/ME | Av |
| Cecropiaceae | Embaúba | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | ME | Av |
| Celastraceae | Espinheira Santa | <i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch | ME | Av |
| Chenopodiaceae | Erva-Sta-Maria/Mastruz | <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. | ME | Heb |
| Cochlospermaceae | Algodão | <i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg. | ME | Arb |
| | Samambaia-roxinha | <i>Tradescantia zebrina</i> Heynh. | OR | Trep |
| Commelinaceae | Dinheiro-em-penca | <i>Callisia repens</i> (Jacq.) L. | OR/ME | Heb |
| Convolvulaceae | Batata-doce | <i>Ipomoea batatas</i> L. Lam. | AL | Heb |
| Crassulaceae | Fortuna | <i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb | ME | Heb |
| | Saião | <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess. | ME | Heb |
| | Sem-nome | <i>Bryophyllum daigremontianum</i> (Raym.-Hamet & H.Perrier) A.Berger | OR | Heb |
| Cucurbitaceae | Abóbora | <i>Cucurbita pepo</i> L. | AL | Heb |
| | Bucha | <i>Luffa cylindrica</i> M. Roem. | OU | Trep |
| | Maxixe | <i>Cucumis anguria</i> L. | AL | Heb |
| | Melancia | <i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai | AL | Heb |
| | Melão-de-São-Caetano | <i>Mormodica charantia</i> L. | ME | Heb |
| | Pepino | <i>Cucumis sativus</i> L. | AL | Heb |
| Cycadaceae | Cica | <i>Cycas</i> sp. | OR | Av |
| (Gymnosperma) | Maquiné | <i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC. | ME | Arb |
| Dioscoreaceae | Cará-branco | <i>Dioscorea bulbifera</i> L. | AL | Herb |
| | Cará-roxo | <i>Dioscorea</i> sp. | AL | Herb |
| | Cará-fujão | <i>Dioscorea</i> sp. | AL | Herb |
| | Cará-mão-de-anta | <i>Dioscorea trifida</i> L.f. | AL | Herb |
| Euphorbiaceae | Cancerosa/leiterinha | <i>Synadenium grantii</i> Hook. f. | ME | Arb |
| | Chifrudinho | <i>Euphorbia tirucalli</i> L. | ME | Arb |

Continua

Continuação tabela 1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|---|--|---------------|-----|
| Euphorbiaceae | Fita-do-Senhor-Divino/Coroa-de-natal | <i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch | OR | Arb | |
| | Mão-de-sapo | <i>Jatropha podagrica</i> Hook. | OR | Arb | |
| | Mamona | <i>Ricinus communis</i> L. | ME | Arb | |
| | Mandioca | <i>Manihot esculenta</i> Crantz. | AL | Arb | |
| | Não-me-toque | <i>Euphorbia milli</i> Des Moul. | OR | Heb | |
| | Pinhão-branco | <i>Jatropha curcas</i> L. | ME | Arb | |
| | Pinhão-roxo | <i>Jatropha gossypifolia</i> L. | ME/OR | Arb | |
| | Folhagem (foha de Papoula) | <i>Acalypha godseffiana</i> Mast. | OR | Arb | |
| | Purga-de-lagarto | <i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken | ME | Arb | |
| | Quebra-pedra | <i>Phyllanthus niruri</i> L. | ME | Herb | |
| | Rabo-de-galo | <i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss. | OR | Arb | |
| | Sangra-d-água | <i>Croton urucurana</i> Baill. | ME | Arb | |
| | Fabaceae | Amburana | <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm. | ME | Av |
| | | Amendoim | <i>Arachis hypogaea</i> L. | AL | Heb |
| Feijão-andu/doce | | <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp. | AL/ME | Arb | |
| Feijão-orelha-de-padre/Feijão-pastel | | <i>Phaseolus</i> sp. | AL | Trep | |
| Feijão-catador | | <i>Phaseolus vulgaris</i> L. | AL | Trep | |
| Feijão-de-corda/metro | | <i>Vigna unguiculata</i> L. Walp. | AL | Trep | |
| Ingá | | <i>Inga</i> sp. | AL | Arb | |
| Hydrangeaceae | Hortênci | <i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser. | OR | Heb | |
| Iridaceae | Castanha-da-índia | <i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill) Urb. | ME | Heb | |
| Lamiaceae | Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | ME | Heb | |
| | Alfavaca | <i>Ocimum campechianum</i> Mill. | ME | Heb | |
| | Alfazema/melissa | <i>Lavandula angustifolia</i> Mill. | ME | Heb | |
| | Aspirina/Hortela-da-folha-gorda | <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. | ME | Heb | |
| | Boldo | <i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth. | ME | Heb | |
| | Boldo-chinês | <i>Plectranthus ornatus</i> Codd. | ME | Heb | |

Continua

Continuação tabela 1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|-------------------------|--|---|------------|---------------|
| Lamiaceae | Cordão-de- São- Francisco | <i>Leonotis nepetaefolia</i> R. Brown | ME | Heb |
| | Hortelãzinha | <i>Mentha villosa</i> Huds. | AL/ME | Heb |
| | Manjerona | <i>Origanum majorana</i> L. | ME | Heb |
| | Manjericão | <i>Ocimum basilicum</i> L. | AL | Heb |
| | Melissa | <i>Melissa officinalis</i> L. | ME | Heb |
| | Orelha-de-lebre | <i>Stachys byzantina</i> C. Koch. | ME | Heb |
| | Poejo | <i>Mentha pulegium</i> L. | ME | Heb |
| | Vick | <i>Mentha arvensis</i> L. | ME | Heb |
| | Abacate | <i>Persea americana</i> Mill. | ME/AL | Av |
| Lauraceae | Canela | <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume. | AL | Av |
| Lecythidaceae | Jequitibá | <i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers | ME | Av |
| Liliaceae | Alho-de-folha | <i>Allium</i> sp. | AL | Heb |
| | Babosa | <i>Aloe vera</i> L. | BE/ME | Heb |
| | Cebolinha | <i>Allium schoenoprasum</i> L | AL/ME | Heb |
| | Dama-da-noite | <i>Dracena</i> sp. | OR | Av |
| | Espada-São-Jorge | <i>Sansevieria cylindrica</i> Hort | MR/ME | Heb |
| | Espada-Cosme-- Damião | <i>Sansevieria trifasciata</i> Hort | MR | Heb |
| | Lança-São- Jorge/Espada-de- Ogum | <i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer. | OR | Heb |
| | Nirá | <i>Allium tuberosum</i> Rottl. Ex Spreng. | ME/AL | Heb |
| Loganiaceae | Quina-do-mato | <i>Strichnos pseudochina</i> St. Hil. | ME | Av |
| Malvaceae | Papoula | <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. | OR | Arb |
| | Quiabo | <i>Hibiscus esculentus</i> L. | AL | Arb |
| Malpighiaceae | Acerola | <i>Malpighia glabra</i> L. | AL/ME | Arb |
| Marantaceae | Araruta | <i>Maranta arundinacea</i> L. | AL | Heb |
| Melastomastaceae | Cibalena | <i>Tibouchina</i> cf. <i>clavata</i> (Pers.) Wurdack | ME | Arb |
| Meliaceae | Nim | <i>Azadirachta indica</i> A. Juss | ME | Av |
| Menispermaceae | Cipó quina | <i>Cissampelos</i> aff. <i>ovalifolia</i> A. DC. | ME | Arb |
| Moraceae | Carapiá | <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. | ME | Heb |
| | Amora | <i>Morus nigra</i> L. | AL/ME | Av |
| | Figueirinha | <i>Ficus</i> sp. | OU | Av |
| | Figo | <i>Ficus carica</i> L. | AL | Arb |

Continua

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|---|---------------------|---|------------|---------------|
| Moraceae | Fruta pão | <i>Artocarpus altilis</i> (Parkins) | AL | Av |
| | Jaca | <i>Artocarpus integrifolia</i> L.f. | AL | Av |
| Musaceae | Bananeira | <i>Musa paradisiaca</i> L. | AL | Arb |
| Myrtaceae | Araçá | <i>Psidium araca</i> Raddi | AL | Av |
| | Ameixa, Jambolão | <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | ME; AL | Av |
| | Goiabeira | <i>Psidium guajava</i> L. | AL/ME | Av |
| | Jaboticaba | <i>Myrciaria cauliflora</i> (DC.) Berg. | AL | Arb |
| | Jambo | <i>Eugenia malaccensis</i> Lin. | AL | Av |
| | Pitanga | <i>Eugenia uniflora</i> L. | AL/ME | Arb |
| Nephrolepidaceae (Pteridofita) | Samambaia crespa | <i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott | OR | Epf |
| Nyctaginaceae | Amarra-pinta | <i>Boerhavia diffusa</i> L. | AL | Av |

Continuação tabela 1

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|--|---------------------|---|------------|---------------|
| Poaceae | Milho | <i>Zea mays</i> L. | AL | Arb |
| Polygonaceae | Erva de bicho | <i>Polygonum acre</i> Lam. | ME | Herb |
| | Cabecinha de nego | <i>Muehlenbeckia complexa</i> (A. Cunn.) Meisn. | OR | Herb |
| Polypodiaceae (Pteridofita) | Avenca | <i>Adiantum</i> sp. | ME | Epf |
| | Rabo-de-caxinganga | <i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm | OR | Arb |
| | Chifre-de-veado | <i>Platycerium bifurcatum</i> (Cav.) Chr. | OR | Epf |
| | Samambaia-de-renda | <i>Davallia fejeensis</i> Hook | OR | Epf |
| | Samambaia | <i>Nephrolepis</i> sp. | OR | Epf |
| | Samambaia-do-brejo | <i>Polypodium</i> sp. | OR | Epf |
| | Samambaia-rabogato | <i>Nephrolepis pectinata</i> (Willd.) Schott. | OR | Epf |
| Portulacaceae | Nove-horas | <i>Portulaca oleracea</i> L. | OR | Herb |
| Punicaceae | Romã | <i>Punica granatum</i> L. | AL /ME | Arb |
| Rosaceae | Rosa | <i>Rosa</i> sp. | OR | Arb |
| | Maça | <i>Malus domestica</i> Borkhausen. | AL | Arb |
| Rubiaceae | Café | <i>Coffea arabica</i> L. | AL | Arb |
| | Jenipapo | <i>Genipa americana</i> L. | AL/ME | Av |
| | Mussaeda | <i>Mussaenda</i> sp. | OR | Arb |
| | Ixora | <i>Ixora</i> sp. | OR | Arb |
| Rutaceae | Arruda | <i>Ruta graveolens</i> L. | ME/MR | Arb |
| | Laranjeira | <i>Citrus aurantium</i> L. | AL; ME | Av |
| | Laranja-lima | <i>Citrus limetta</i> Risso | AL | Av |
| | Limoeiro | <i>Citrus limonum</i> Osb. | AL | Av |
| | Mexirica | <i>Citrus deliciosa</i> L. | AL | Av |
| | Pocã | <i>Citrus</i> sp. | AL | Av |
| | Tangerina | <i>Citrus reticulata</i> Blanco | AL | Av |
| Sapotaceae | Fruta-banana | <i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart. | AL | Av |
| Sapindaceae | Pitombeira | <i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk | AL | Av |
| Scrophulariaceae | Atrativo | <i>Angelonia angustifolia</i> Benth. | MR/OR | Herb |
| | Vassourinha | <i>Scoparia dulcis</i> L. | ME | Herb |
| Siparunaceae | Negramina | <i>Siparuna guianensis</i> Aublet | ME | Arb |
| Solanaceae | Fumo | <i>Nicotiana tabacum</i> L. | OU | Herb |

Continua

Conclusão tabela 1...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Hábito |
|----------------------|-----------------------|---|------------|---------------|
| | Jiló | <i>Solanum jilo</i> Radi. | AL | Herb |
| | Jurubeba | <i>Solanum aff. lycocarpum</i> A. St.-Hil. | ME | Arb |
| | Pimenta-chumbinho | <i>Capsicum baccatum</i> L. | AL | Herb |
| | poca/bode | | | |
| | Pimenta-de-cheiro | <i>Capsicum odoratum</i> Steud. | AL | Herb |
| | Pimenta-malagueta | <i>Capsicum frutescens</i> L. | AL | Herb |
| | Pimentão/Pimenta-roxa | <i>Capsicum annuum</i> L. | AL | Herb |
| | Tomate | <i>Lycopersicon esculentum</i> Mill. | AL | Herb |
| Sterculiaceae | Cacau | <i>Theobroma cacao</i> L. | AL | Av |
| | Cupuaçu | <i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) | AL | Arb |
| | Malva-branca | <i>Waltheria indica</i> L. | ME | Herb |
| Urticaceae | Brilhantina | <i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm. | OR/ME | Herb |
| Verbenaceae | Pingo-de-ouro | <i>Duranta repens</i> L. | OR | Herb |
| | Gervão | <i>Stachytarpheta augustifolia</i> Lopez-Palacios | ME | Herb |
| | Erva-cidreira | <i>Lipia alba</i> (Mill) N.E. Brown | ME | Herb |
| | Saia-de-velho | <i>Clerodendron philippinum</i> Schauer | OR | Herb |
| | Teca | <i>Tectona grandis</i> L.f. | OR/OU | Arb |
| Vitaceae | Bactrim | <i>Cissus aff. duarteana</i> Cambess. | ME | Trep |
| | Uva | <i>Vitis vinifera</i> L. | AL | Trep |
| Zingiberaceae | Açafrão | <i>Curcuma longa</i> L. | AL | Herb |
| | Caninha-do-brejo | <i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw. | ME | Herb |
| | Colônia | <i>Alpinia speciosa</i> Schum | ME | Arb |
| | Gengibre | <i>Zingiber officinalis</i> Rosc. | ME | Herb |

Em Rosário Oeste, os quintais assumem uma importância fundamental na malha viária urbana, definindo espaços repletos de um saber local, (GEERTZ, 2000), espaços de conservação e manutenção dos aspectos mais peculiares que a população traduz em seu cotidiano, mostrando uma adaptabilidade humana (MORÁN, 1994), que se manifesta muitas vezes através de um conhecimento recebido de seus ancestrais e perpetuado ao longo do tempo, espaço e lugar.

4.5. Hábito das espécies: as formas de vida que emergem da pesquisa

As espécies encontradas nos quintais possuíam os mais variados hábitos, destacando o estrato herbáceo (51%), o arbustivo e arbóreo com 19% das plantas citadas (figura 11). Pode-se ainda, verificar a presença de cactos, epífitas (orquídeas), e algumas trepadeiras como o bactrim *Cissus* aff. *duarteana* e o guaco (*Mikania* sp.).

França (2006) obteve em seu trabalho o porte arbóreo como o mais significativo em seguida do herbáceo e arbustivo. Añez (1999) encontrou maior número de plantas herbáceas, em seguida das árvores e arbustos. Jorge (2001) também obteve o porte herbáceo como mais representativo, seguido dos portes arbustivo e arbóreo.

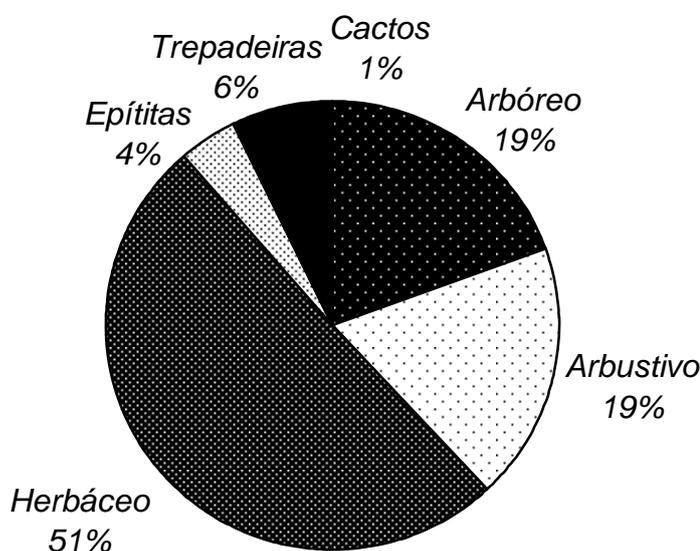


Figura 11. Hábito das espécies vegetais encontradas nos quintais de Rosário Oeste-MT.

4.6. Etnocategorias de usos: bases do conhecimento botânico tradicional

Nos quintais estudados, percebe-se uma diversificação em relação à forma de uso das espécies vegetais, destacando a utilização das plantas para a finalidade medicinal (43,9%), alimentar (37,1%) e ornamental (27%), lembrando que uma mesma planta pode se enquadrar em mais de uma categoria de uso.

Os estudos em quintais, sejam eles urbanos ou rurais, demonstram que é grande o uso popular das plantas para o tratamento de doenças, quase sempre, em números comparáveis às plantas utilizadas para a finalidade alimentar. Além disso, as plantas

ornamentais, especialmente em se tratando de quintais urbanos, também representam grande parcela das espécies encontradas, de acordo com trabalhos como o de Duarte (2001) e Santos (2004).

Pasa (2004) salienta que a categoria de uso de uma espécie vegetal pode ser cumulativa, ou seja, uma espécie pode ser utilizada para a alimentação, ser medicinal e ainda servir para ornamentação. Esta acumulação de etnocategorias pode ser notada no estudo, espécies como o abacate (*Persea americana*), a arruda (*Ruta graveolens*) e a goiabeira (*Psidium guajava*), possuem essa multiplicidade de uso.

4.6.1. Plantas medicinais

“O confrei, a folha seca é bom pra emagrece, a verde engorda...”

(D. M. informante do quintal nº 10, Bairro Nossa Sra. da Guia)

As 111 espécies vegetais utilizadas para finalidade medicinal representam 43,9% das plantas citadas. Como exemplos desta etnocategoria têm-se o anador *Justicia pectoralis*, o poejo *Mentha pulegium*, o mastruz *Chenopodium ambrosioides*, a camomila *Matricaria chamomilla* e o boldo *Coleus barbatus*, sendo o boldo a planta medicinal mais citada entre todas, resultado semelhante encontrado por Guarim Neto (1996) e Pasa *et al.* (2005).

Assim como o encontrado por Santos (2004) e França (2006), algumas plantas são utilizadas para diversas enfermidades, enquanto outras são utilizadas apenas para doenças específicas. A parte do vegetal assim como o modo de preparação também varia para cada planta (tabela 2).

Pode-se notar, como no relato da informante citado acima, que as técnicas de manejo apesar de simples, implicam em um conhecimento sofisticado sobre o uso de plantas medicinais, a parte da planta utilizada e o modo de preparação podem variar para uma mesma planta, conseguindo dessa forma diferentes resultados para afecções orgânicas diferentes.

As plantas medicinais são cultivadas por adaptação ao local onde vivem, ou seja, por necessidade e dificuldade de acesso a medicamentos farmacêuticos. Assim como observou França (2006) essas plantas se encontram em diversas localidades, nos quintais, na mata próxima ou até mesmo em vasos dentro das residências.

O uso de plantas no tratamento de doenças provavelmente é tão antigo quanto o aparecimento do próprio homem. A evolução da arte de curar possui varias etapas, porém, torna-se difícil delimitá-las com exatidão, já que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas mágicas, místicas e ritualísticas (PHILLIPS & GENTRY, 1993; DI STASI, 1996).

Através dos dados fornecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), constata-se que o uso de plantas medicinais pela população mundial tem sido muito significativo nos últimos anos, sendo este uso incentivado pela própria OMS.

Amorozo (2002) observa que a composição de uma farmacopéia popular é um processo dinâmico, durante o qual podem ocorrer tanto aquisições como perdas. Nas situações onde o contato com a sociedade em geral ou com migrantes se intensifica, é possível que aumentem as oportunidades, tanto de entrada de novas espécies, antes inexistentes na área, que são testadas pela população local, quanto de novos usos para espécies já existentes.

Em Rosário Oeste foi possível observar que vários destes quintais consistem de verdadeiros laboratórios de experiências, com exceções das árvores frutíferas, os quintais apresentam um constante processo de aquisições e perdas de espécies, onde muitas destas plantas são testadas quanto à sua aclimatação, e cultivadas de acordo com o uso e vontade do morador.

Assim como mencionado por Amorozo (2002) à medida que estas plantas e informações recém-introduzidas se disseminam, também o número de pessoas que as usam poderá aumentar.

As plantas medicinais citadas no estudo são utilizadas pela população no tratamento de várias doenças. As doenças mencionadas pelos informantes foram agrupadas em 15 categorias, de acordo com tabela do Código Internacional de Doenças – CID 10 (1999) (tabela 2).

A utilização das plantas para o tratamento de problemas respiratórios (19%) e digestivos (19%) foi a mais freqüente, assim como o apresentado por Pila *et al.* (2006), seguido do tratamento de doenças do sangue (12%) e de infecções (12%) (figura 12).

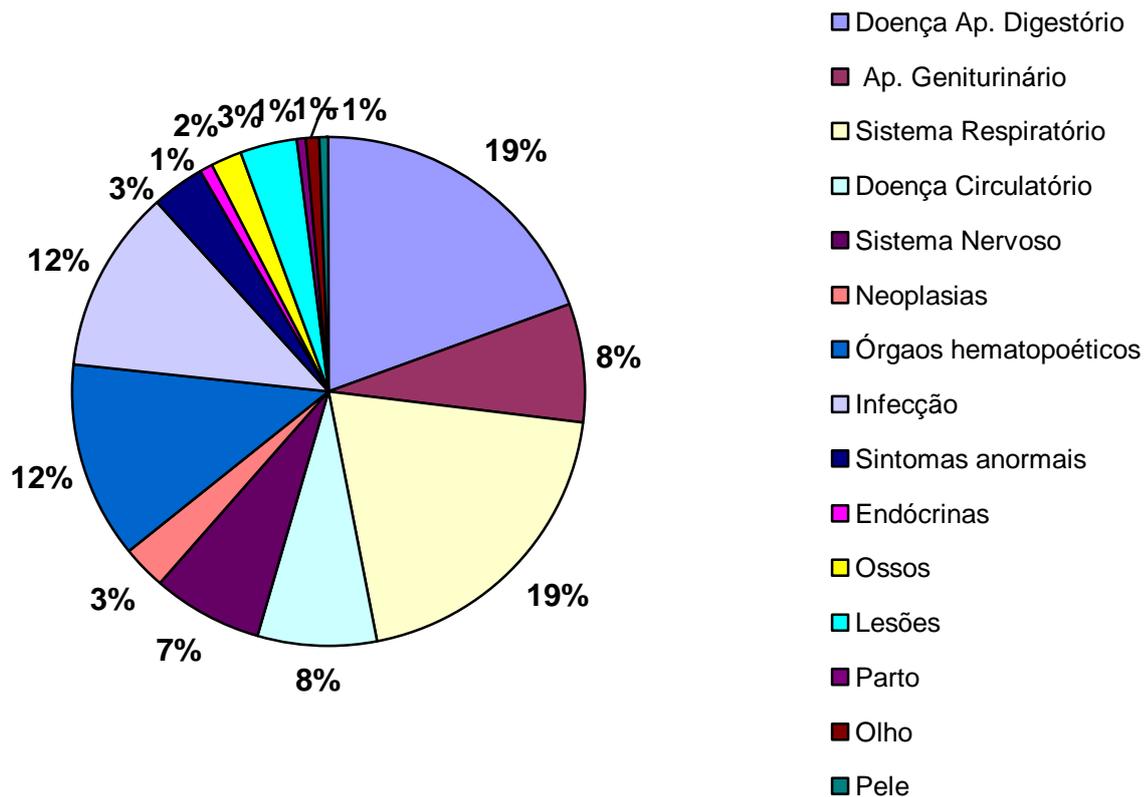


Figura 12. Frequência das doenças, de acordo com o CID-10 (1999), tratadas pelos informantes de Rosário Oeste, utilizando plantas medicinais.

Tabela 2. Plantas medicinais dos quintais rosarienses com suas propriedades medicinais. Relação entre os usos terapêuticos citado pela população e categoria internacional de doenças (CID – 10).

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|---------------|-----------------|--|-------|----------------------|------------|-----------------------------|--|
| Acanthaceae | Anador | <i>Justicia pectoralis</i> Jacq. | ME | Folhas | Chá | Dores em geral | Sintomas anormais de exame clínico e laboratório não classificados |
| Alismataceae | Chapéu-de-couro | <i>Echinodorus paniculatus</i> Micheli | ME | Folhas | Chá | Rim | Doenças do aparelho geniturinário |
| Amaranthaceae | Dipirona | <i>Alternanthera</i> sp. | ME | Folhas | Chá | Febre | Sintomas anormais de exame clínico e laboratório não classificados |
| | Terramicina | <i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex R.E. Fr. | ME | Folhas | Chá/ banho | Antiinflamatório | Doenças infecciosas e Parasitárias |
| Anarcadiaceae | Aroeira | <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão | ME | Casca | Chá | Gripe | Doenças do aparelho respiratório |
| | Cajueiro | <i>Anacardium occidentale</i> L. | AL/ME | Casca | Chá | Garganta | Doenças do aparelho respiratório |
| | Erva-doce | <i>Pimpinella anisum</i> L. | ME/AL | Folhas | Chá | Espasmático/vento preso | Doenças do aparelho digestivo |
| Apiaceae | Imbé-do-mato | <i>Philodendron</i> sp. | ME | Raiz | Chá | Reumatismo | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Arecaceae | Buriti | <i>Mauritia flexuosa</i> L.f. | AL | Fruto | Maceração | Hemorróideia | Doenças do aparelho circulatório |
| | Bocaiúva | <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. | AL/ME | Fruto | In natura | Tosse | Doenças do aparelho respiratório |
| | Coco-da-Bahia | <i>Cocos nucifera</i> L. | AL/ME | Água do fruto | Chá | Fraqueza/diarréia/vomitação | Doenças do Sangue e hematopoéticos/ Aparelho digestivo |
| Asteraceae | Artemísia | <i>Artemisia annua</i> L. | ME | Folha/planta inteira | Chá | Dor de barriga | Doenças do aparelho digestivo |
| | Assa-peixe | <i>Vernonia</i> sp. | ME | Folhas | Chá | Tosse | Doenças do aparelho respiratório |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|----------------|----------------------------------|---|------------|----------------------------|-------------------|----------------------------------|--|
| Asteraceae | Losna | <i>Artemisia absinthium</i> L. | ME | Folhas | Chá | Estômago | Doenças do aparelho digestivo |
| | Camomila | <i>Matricaria chamomilla</i> L. | ME | Folhas | Chá | Febre/cólica | Sintomas anormais de exame clínico e laboratório não classificados/Doenças do Aparelho digestivo |
| | Canferana/Estoma lina/Figatil | <i>Vernonia condensata</i> Baker | ME | Folhas | Chá | Estômago Pressão alta | Doenças do aparelho digestivo Doenças Aparelho circulatório |
| | Cardo-santo | <i>Cnicus benedictus</i> L. | ME | Folhas | Chá | Câncer | Neoplasias |
| | Carqueja | <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC. | ME | folha | Chá | Coração | Doenças do aparelho circulatório |
| | Chicória | <i>Chicorium intybus</i> L. | ME | Folha | Chá | Febre/depurativo do sangue | Sintomas anormais de exame clínico e laboratório não classificados/Lesões envenenamento |
| | Guaco | <i>Mikania glomerata</i> Spreng. | ME | Folha | Chá | Estômago/tosse | Doenças do aparelho digestivo e respiratório |
| | Picão-branco | <i>Bidens pilosa</i> L. | ME | Folha | Chá | Icterícia | Doenças da Pele |
| | Picão- roxo/Mentrasto | <i>Ageratum conyzoides</i> L. | ME | Folha/planta toda | Banho | Anemia/hepatite/ gestante/rim | Doenças do Sangue/Doenças infecciosas e Parasitarias/Gravidez, parto e puerpério/Doenças do Ap. Genitourinário |
| Bignoniaceae | Tansagem-falsa | <i>Arrabidaea chica</i> (Humb. & Bonpl.) B. Verl. | ME | Folhas | Chá | Inflamação | Doenças infecciosas e Parasitarias |
| Bixaceae | Urucum | <i>Bixa orellana</i> L. | OU/ME | Folha | Chá | Colesterol | Doenças do Aparelho Circulatório |
| Boraginaceae | Confrei | <i>Symphytum officinale</i> L. | ME | Folhas secas ou frescas | Chá | Emagrecer ou engordar | Doenças endócrinas, nutricionais ou metabólicas |
| Brassicaceae | Couve | <i>Brassica oleracea</i> L. | AL/ME | Folhas | In natura/suco | Dor de Estômago | Doenças do Aparelho digestivo |

Continua

Continuação tabela 2

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|------------------|------------------------|--|------------|-----------------------|----------------------|-------------------------------|---|
| Caesalpiniaceae | Pata-de-vaca | <i>Bauhinia</i> sp. | ME | Folhas | Chá | Pressão alta | Doenças do Aparelho circulatório |
| | Fedegoso | <i>Cassia occidentalis</i> L. | ME | Batatinha (raiz) | Macerada na pinga | Inflamação nos olhos | Doenças dos olhos e anexos |
| | Jucá | <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. | OR; ME | Fruto | Garrafada | Dor garganta/ inflamação | Doenças Aparelho respiratório/ Doenças Infeciosas e Parasitarias |
| | Mata-pasto | <i>Senna alata</i> (L.) Roxb. | ME | Folhas | Chá | Impinge/vermífugo | Doenças da pele/Doenças Infeciosas e Parasitarias |
| | Tamarindo | <i>Tamarindus indica</i> L. | AL/ ME | Fruto | In natura | Dor de cabeça | Doenças do Sistema nervoso |
| Capparaceae | Carajé | <i>Cleome affinis</i> D.C. | ME | Planta inteira | Maceração | Desintéria | Doenças do Aparelho digestivo |
| Caprifoliaceae | Sabugueiro | <i>Sambucus nigra</i> L. | ME | Folhas | Chá | Gripe | Doenças do Aparelho Respiratório |
| Caricaceae | Mamoeiro | <i>Carica papaya</i> L. | AL | Flor | Chá | Bronquite | Doenças do Aparelho Respiratório |
| Cecropiaceae | Embaúba | <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul | ME | Folhas | Chá | Diabetes e colesterol | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Celastraceae | Espinheira Santa | <i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch. | ME | Folhas | Chá | Gastrite | Doenças do Aparelho digestivo |
| Chenopodiaceae | Erva-Sta-Maria/Mastruz | <i>Chenopodium ambrosioides</i> L. | ME | Folhas/planta inteira | Sumo/ emplastro | Reumatismo/verme /machucadura | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos /Doenças Infeciosas e Parasitarias/Lesões e envenenamento |
| Cochlospermaceae | Algodão | <i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg. | ME | Semente/ Folha | Chá/ Banho | Inflamação/feridas | Doenças Infeciosas e Parasitarias |
| Commelinaceae | Dinheiro-em-penca | <i>Callisia repens</i> (Jacq.) L. | OR/ME | Folhas | Chá | Rim | Doenças do Aparelho Genitourinário |
| Crassulaceae | Fortuna | <i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb | ME | Folhas | Chá | Pneumonia/dor de ouvido | Doenças do Aparelho Respiratório |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|----------------|----------------------|--|------------|--------------------|---|------------------------------|---|
| Cucurbitaceae | Melão-de-São-Caetano | <i>Mormodica charantia</i> L. | ME | Folhas | Chá/banho | Virose | Doenças do Aparelho Respiratório |
| Cycadaceae | Maquiné | <i>Zamia boliviana</i> (Brongn.) A. DC. | ME | Raiz | Chá | Dor de barriga | Doenças do Aparelho digestivo |
| Euphorbiaceae | Cancerosa/leiterinha | <i>Synadenium grantii</i> Hook. f. | ME | Látex (leite) | Pingar o leite em água filtrada e fervida | Câncer | Neoplasias |
| | Chifrudinho | <i>Euphorbia tirucalli</i> L. | ME | Látex | Pingar o leite na água | Câncer | Neoplasias |
| | Mamona | <i>Ricinus communis</i> L. | ME | Frutos | Azeite | Bronquite | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Pinhão-branco | <i>Jatropha curcas</i> L. | ME | Folha/látex | Emplastro | Machucadura/Inflamação útero | Lesões e envenenamento/Doenças infecciosas e Parasitárias |
| | Pinhão-roxo | <i>Jatropha gossypifolia</i> L. | ME/OR | Folha/látex | Emplastro/chá | Machucadura/Inflamação útero | Lesões e envenenamento/Doenças infecciosas e Parasitárias |
| | Purga-de-lagarto | <i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Oken | ME | Folhas/látex | Emplastro/chá | Dor de barriga | Doenças do Aparelho digestivo |
| | Quebra-pedra | <i>Phyllanthus niruri</i> L. | ME | Folhas | Chá | Rim | Doenças do Aparelho genitário |
| | Sangra-d'água | <i>Croton urucurana</i> Baill. | ME | Casca | Chá | Antiinflamatório | Doenças infecciosas e Parasitárias |
| Fabaceae | Amburana | <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm. | ME | Casca | Chá | Tosse/rouquidão | Doenças do Aparelho Respiratório |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|----------------|-------------------------------------|---|------------|--------------------|----------------|----------------------------|--|
| Fabaceae | Feijão-andu/doce | <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp. | AL/ME | Folhas | Chá | Estômago | Doenças do Aparelho digestivo |
| Iridaceae | Castanha-da-índia | <i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill) Urb. | ME | Raiz | Maceração | Reumatismo/hemor róidea | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos /Doenças do Aparelho circulatório |
| Lamiaceae | Alecrim | <i>Rosmarinus officinalis</i> L. | ME | Folhas | Chá | Coração/pressão alta | Doenças do Aparelho Circulatório |
| | Alfavaca | <i>Ocimum campechianum</i> Mill. | ME | Folhas | Chá | Tosse/gripe | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Alfazema/melissa | <i>Lavandula angustifolia</i> Mill. | ME | Folhas | Chá | Calmante | Doenças do Sistema Nervoso |
| | Aspirina/Hortelã- da-folha-gorda | <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. | ME | Folhas | Chá | Dor em geral | Sintomas anormais de exame clínico e laboratório não classificados |
| | Boldo | <i>Coleus barbatus</i> (Andrews) Benth. | ME | Folhas | Chá | Estômago | Doenças do Aparelho digestivo |
| | Boldo-chinês | <i>Plectranthus ornatus</i> Codd. | ME | Folhas | Chá | Estômago | Doenças do Aparelho digestivo |
| | Cordão-de-São- Fracisco | <i>Leonotis nepetaefolia</i> R. Brown | ME | Folhas | Banho | Fraqueza/dor de coluna | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos/Doenças do Sistema Osteomuscular |
| | Hortelãzinha | <i>Mentha villosa</i> Huds. | AL | Folhas | Chá | Gripe | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Manjerona | <i>Origanum majorona</i> L. | ME | Folhas | Chá | Calmante/gripe | Doenças do Sistema Nervoso/ Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Melissa | <i>Melissa officinalis</i> L. | ME | Folhas | Chá | Pressão alta | Doenças do Aparelho Circulatório |
| | Poejo | <i>Mentha pulegium</i> L. | ME | Folhas | Chá | Febre/gripe/cólica | Doenças do Aparelho Respiratório/Doenças do Aparelho Digestivo |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|-------------------------|---------------------|---|------------|--------------------|------------------|-------------------|--|
| Lamiaceae | Vick | <i>Mentha arvensis</i> L. | ME | Folhas | Inalação/ chá | Gripe/febre | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Abacate | <i>Persea americana</i> Mill. | ME/AL | Folhas | Chá | Rim | Doenças do Aparelho Genitourinário |
| Lauraceae | | | | | | | |
| Lecythidaceae | Jequitibá | <i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers | ME | Casca | Chá | Inflamação/tosse | Doenças infecciosas/Doenças do Aparelho Respiratório |
| Liliaceae | Babosa | <i>Aloe vera</i> L. | BE/ME | Folhas | Chá | Câncer/ Estômago | Neoplasias/ Doenças do Aparelho digestivo |
| | Cebolinha | <i>Allium schoenoprasum</i> L | AL/ME | Folhas | Chá | Tosse | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Espada-São-Jorge | <i>Sansevieria cylindrica</i> Hort | MR/ME | Folhas | Banho | Dor de dente | Doenças do Aparelho digestivo |
| | Nirá | <i>Allium tuberosum</i> Rottl. Ex Spreng. | ME/AL | Folhas | Chá/ in natura | Dor de garganta | Doenças do Aparelho Respiratório |
| Loganiaceae | Quina-do-mato | <i>Strichnos pseudochina</i> St. Hil. | ME | Folhas | Banho de assento | Inflamação | Doenças infecciosas e Parasitárias |
| Malpighiaceae | Acerola | <i>Malpighia glabra</i> L. | AL/ME | Folhas | Chá | Rim/calmante | Doenças do Aparelho Genitourinário/ Doenças do Sistema Nervoso |
| Melastomastaceae | Cibalena | <i>Tibouchina cf. clavata</i> (Pers.) Wurdack | ME | Folhas | Chá | Dor cabeça | Doenças do Sistema Nervoso |
| Meliaceae | Nim | <i>Azadirachta indica</i> A. Juss | ME | Folhas/casca | Chá | Diabetes | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Menispermaceae | Cipó quina | <i>Cissampelos aff. ovalifolia</i> A. DC. | ME | Folhas | Chá | Estômago/diabetes | Doenças do Aparelho digestivo/ Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Moraceae | Carapiá | <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. | ME | Planta inteira | Chá | Estômago | Doenças do Aparelho digestivo |
| | Amora | <i>Morus nigra</i> L. | AL/ME | Folha | Chá | Diabete | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|-----------------------|---------------------|--|------------|--------------------|---------------------|--|--|
| Myrtaceae | Pitanga | <i>Eugenia uniflora</i> L. | AI/ME | Folha | Chá | Pressão | Doenças do Aparelho Circulatório |
| | Goiabeira | <i>Psidium guajava</i> L. | AL/ME | Casca/broto | Sumo | Estômago | Doenças do Aparelho Digestivo |
| | Ameixa, Jambolão | <i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels | ME; AL | Folhas | Chá | Diabetes | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Nyctaginaceae | Amarra-pinto | <i>Boerhavia hirsuta</i> Willd. | ME | Folhas | Chá | Dor de urina | Doenças do Aparelho Genitourinário |
| Oxalidaceae | Carambola | <i>Averrhoa carambola</i> L. | AL | Fruto | Suco | Pressão | Doenças do Aparelho Circulatório |
| Passifloraceae | Maracujina | <i>Passiflora</i> sp. | AL/ME | Fruto | Suco | Calmante | Doenças do Sistema Nervoso |
| Phytolaccaceae | Guiné | <i>Petiveria alliacea</i> L. | ME | Folhas | Banho/ maceração | Fraqueza/problema respiratório/machucadura | Doenças do Sangue/ Aparelho Respiratório/ Doenças infecciosas e Parasitárias |
| Piperaceae | Elixir | <i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav. | ME | Folhas | Chá | Estômago | Doenças do Aparelho Digestivo |
| | Jaborandi | <i>Ottonia corcovadensis</i> Miq | BE/ME | Folhas | Banho | Fraqueza | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| | Pariparoba | <i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq. | AL /ME | Folhas | Chá | Reumatismo | Doenças do Sangue e hematopoéticos |
| Plantaginaceae | Tansagem | <i>Plantago major</i> L. | ME | Folhas | Chá | Antiinflamatório | Doenças infecciosas e Parasitárias |
| Poaceae | Capim cidreira | <i>Cymbopogon citratus</i> L. | ME/AL | Folhas | Chá | Calmante/gripe/dor urina | Doenças do Sistema Nervoso/D.Aparelho Respiratório/ Doenças do Aparelho Genitourinário |
| | Capim eucalipto | <i>Cymbopogon</i> sp. | ME | Folhas | Chá | Gripe | Doenças do Aparelho Respiratório |
| | Capim rosário | <i>Coix lacryma-jobi</i> L. | ME | Folhas | Chá | Dor de coluna/rim | Doenças do Sistema Osteomuscular/ Doenças do Aparelho Genitourinário |
| Polygonaceae | Erva de bicho | <i>Polygonum acre</i> Lam. | ME | Folhas | Banho | Gripe | Doenças Aparelho Respiratório |
| Polypodiaceae | Avenca | <i>Adiantum</i> sp. | ME | Folhas | Chá | Osteoporose | Doenças do Sistema Osteomuscular |

Continua

Continuação tabela 2...

| Família | Nome Popular | Nome Científico | Uso | Parte usada | Preparo | Indicação | (CID) |
|-------------------------|---------------------|--|------------|-----------------------|--------------------------------------|---|---|
| Punicaceae | Romã | <i>Punica granatum</i> L. | AL /ME | Casca/fruto Raiz | Chá/In natura Chá | Inflamação na garganta/verme/ Diarréia | Doenças infecciosas e Parasitárias/Doenças Aparelho digestivo |
| Rubiaceae | Jenipapo | <i>Genipa americana</i> L. | AL/ME | Fruto | Fruto Ralado | Diabetes | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos |
| Rutaceae | Arruda | <i>Ruta graveolens</i> L. | ME/MR | Folhas | Banho/mac eração/chá/ queimada | Sangue na cabeça/Machucadu- ra/Gripe/cólica | Doença Ap. circulatório/Aparelho Respiratório/D.Aparelho Digestivo |
| | Laranjeira | <i>Citrus aurantium</i> L. | AL; ME | Folhas/raiz/c asca | Chá | Diabetes/dente | Doenças do Sangue e órgãos hematopoéticos/ Doenças Ap. Digestivo |
| Scrophulariaceae | Vassourinha | <i>Scoparia dulcis</i> L. | ME | Planta inteira | Banho | Machucadura | Lesões |
| Siparunaceae | Negramina | <i>Siparuna guianensis</i> Aublet | ME | Folhas | Banho | Dor de cabeça/ resfriado | Doenças do Sistema Nervoso/Aparelho Respiratório |
| Solanaceae | Jurubeba | <i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil. | ME | Folhas | Chá | Fígado | Doenças do Aparelho Digestivo |
| Sterculiaceae | Malva-branca | <i>Waltheria indica</i> L. | ME | Folhas | Chá | Mãe corpo/bronquite | Doenças do Aparelho Respiratório |
| Urticaceae | Brilhantina | <i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm. | OR | Folhas | Chá | Cólica | Doenças do Aparelho Digestivo |
| Verbenaceae | Gervão | <i>Stachytarpheta augustifolia</i> Lopez-Palacios | ME | Folhas | Chá | Fígado | Doenças do Aparelho Digestivo |
| | Erva-cidreira | <i>Lipia alba</i> (Mill) N.E. Brown | ME | Folhas | Chá | Calmante | Doenças do Sistema Nervoso |
| Vitaceae | Bactrim | <i>Cissus</i> aff. <i>duarteana</i> Cambess. | ME | Folhas | Chá | Rim/infecção | Doenças do Aparelho Geniturinário/ Doenças infecciosas e Parasitárias |

Continua

Conclusão tabela 2.

| | | | | | | | |
|----------------------|------------------|------------------------------------|----|-------------|-----|----------------------|------------------------------------|
| Zingiberaceae | Caninha-do-brejo | <i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw. | ME | Folhas/raiz | Chá | Rim | Doenças do Aparelho Genitourinário |
| | Colônia | <i>Alpinia speciosa</i> Schum | ME | Folhas | Chá | Calmante | Doenças do Sistema Nervoso |
| | Gengibre | <i>Zingiber officinalis</i> Rosc. | ME | Raiz | Chá | Tosse/garganta/gripe | Doenças do Aparelho Respiratório |

4.6.2 Plantas medicinais: forma de preparo e partes utilizadas

A principal forma de preparação dos remédios caseiros foi o chá 67%, em seguida do banho com 13% (figura 13). Assim como relatado por Pilla *et al.* (2006) não foi observado nos informantes de Rosário Oeste uma preocupação na quantidade da planta a ser administrada. Segundo os mesmos, essa falta de preocupação deve-se ao fato do uso e preparação das plantas serem baseados na experiência e ainda pela falsa idéia de que o natural não faz mal.

De acordo com Martins *et al.* (2000) cabe ressaltar, que de um modo geral a dosagem não necessita ser rigorosamente exata, porém muitas substâncias quando usadas exageradamente apresentam alta toxicidade, podendo a ser fatais.

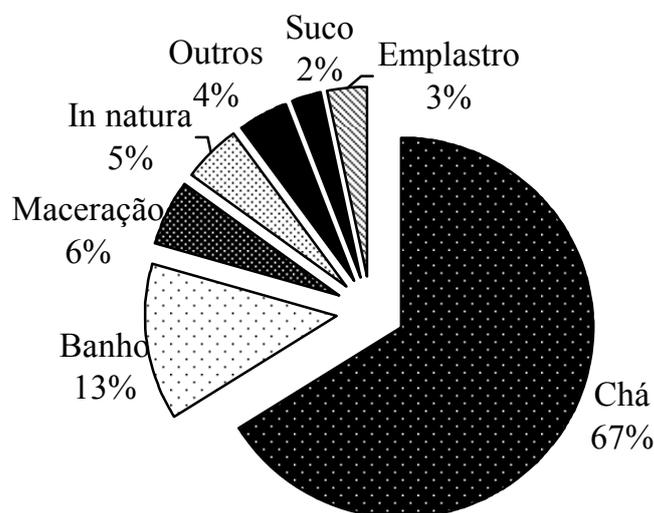


Figura 13. Formas de preparo dos remédios caseiros.

A parte da planta mais utilizada no preparo dos remédios caseiros foi a folha com 69 % das citações, em seguida da casca e do fruto com 8 % (figura 14). O uso das folhas nos preparados a base de plantas medicinais, parece ser o resultado mais comum em estudos etnobotânicos (JORGE, 2001; MORAIS, 2003; PASA, 2004; PILLA *et al.* 2006).

De acordo com Martin (1995) o uso acentuado de folhas apresenta um caráter de conservação dos recursos vegetais, pois não impede o desenvolvimento e a reprodução da planta, se a retirada não for excessiva.

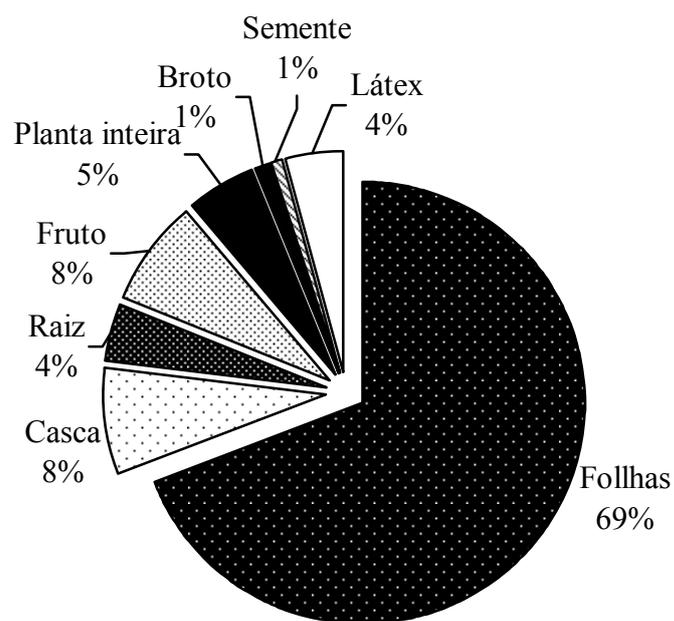


Figura 14. Partes da planta utilizadas na preparação dos remédios caseiros.

4.6.3. Plantas Alimentares

“O quintal é importante pra plantar aquilo que a gente não pode comprá...”

(morador quintal nº 61 Bairro Monjolo)

As 94 espécies de plantas *alimentares* representaram grande parte dos vegetais encontrados nos quintais de Rosário Oeste (37,1%), demonstrando presença significativa neste estudo assim como encontrado por Martins (1998), Ângelo (1999) e Santos (2004).

Esta etnocategoria é representada por plantas frutíferas como o caju - *Anacardium occidentale*, o mamão - *Carica papaya*, e a banana - *Musa paradisiaca*, planta encontrada em quase todos os quintais estudados (figura 15); as hortaliças representadas pela alface- *Lactuca sativa*, a couve- *Brassica oleracea*, e o almeirão- *Chicorium endivia* e as plantas condimentares como a pimenta- *Capsicum* spp., a hortelã - *Mentha villosa*, e o manjeriço- *Ocimum basilicum*, entre outras.

Trabalhos como o de Guimarães (1998) e Valadão *et al.*(2006) destacam a importância da produção domiciliar de plantas alimentícias, verduras, frutas e legumes, que constituem valiosas fontes de nutrientes para a família, uma alternativa econômica para o consumo de produtos que de outra maneira seria de difícil obtenção, fato este relatado por vários moradores durante as entrevistas.

Percebe-se que os quintais urbanos rosarienses representam para seus moradores, assim como o proposto por Niñez (1984) uma estratégia adaptativa na economia de famílias com baixo poder aquisitivo, como as que fazem parte desta pesquisa.

Niñez (1984) e Santos (2004) destacam ainda a possibilidade de complementação da renda familiar com a venda de alguns vegetais produzidos domiciliarmente, especialmente de plantas olerícolas. Em Rosário Oeste diversos moradores cultivam frutíferas e hortas caseiras em seus quintais, no entanto, a maioria das plantas é destinada para consumo próprio e apenas o excedente é vendido, conforme mencionado pela moradora: *“a gente vende quando alguém procura”* (morador. Quintal nº14).

Segundo Gutberlet (1994) informações levantadas com a população da baixada cuiabana demonstram que essas populações utilizam com frequência além das frutíferas nos quintais, os recursos naturais do cerrado e matas ciliares, aumentando assim seus meios de subsistência.

Santos (2004) constatou que em quintais de Alta Floresta algumas plantas, ainda pouco adaptadas ao local, devido ao clima ou solo, são objetos de constantes experimentações através do plantio de sementes e de mudas. Em Rosário Oeste este fato também pode ser observado, especialmente para plantas como a uva, *Vitis vinifera* e a maçã, *Pirus malus*, espécies ainda não adaptadas ao local.



Figura 15. Plantação de banana, quintal nº 31. Bairro Monjolo.

4.6.4. Ornamentais

As 69 **espécies ornamentais** encontradas representam 27,2 % das plantas registradas. Em quintais urbanos o número de plantas ornamentais sempre é expressivo, representando grande parte das plantas encontradas (SANTOS, 2004).

De acordo com Soemorwoto (1987) o aumento das plantas ornamentais é um fenômeno próprio de quintais urbanos, como uma resposta às rápidas mudanças que acompanham o processo de modernização e desenvolvimento econômico.

As plantas ornamentais geralmente são cultivadas na parte anterior da residência, proporcionando sombra e beleza ao local. O fato é que as plantas ornamentais deixam o ambiente mais alegre e descontraído, seja pela leveza e graciosidade das flores como da orquídea *Cathleya nobilior*, do lírio *Eucharis grandiflora*, e do antúrio *Anthurium andraeanum*, ou pela coloração peculiar de folhas como a do pingo de ouro *Duranta*

repens, rabo de galo *Codiaeum variegatum*, e da fita do Sr. divino *Euphorbia pulcherrima* (figura 16).



Fonte: Cleomara Ama

Figura 16. Plantas ornamentais cultivadas no quintal nº08, bairro N. Sra Aparecida.

4.6.5. Uso místico e religioso

“O atrativo tem esse nome porque é atrativo, o banho é bom pra atrair marido.”

(Informante quintal 15, bairro N. Sra Aparecida).

Algumas plantas são cultivadas próximas a residência por possuírem poderes “místicos e religiosos”, como é o caso da espada-de-São-Jorge (*Sansevieria cylindrica*), do comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*), e da arruda (*Ruta graveolens*), que além de ser citada como medicinal também figura entre as plantas de uso místico (figura 17). Neste estudo foram mencionadas sete plantas relacionadas a tais usos, menos de 3% do total.

Santos & Guarim Neto (2005) registraram junto às benzedeiros de Alta Floresta seis plantas nesta etnocategoria, dentre elas a arruda (*Ruta graveolens*) a espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata*) e a guiné (*Petiveria alliacea*), espécies também presentes nos quintais rosarienses.

Segundo Albuquerque (1999) essas espécies estão ligadas a crenças populares, tradicionalmente relacionadas a conotações místico-religiosas, geralmente ligadas a práticas utilitaristas de etnias africanas.

Neste estudo, a utilização de plantas com conotações místico-religiosas foi mencionada por poucos moradores, não se pode afirmar que a utilização destas plantas está relacionada à origem ou etnias dos informantes. O fato é, que o município, assim como grande parte do território brasileiro possui raízes indígenas muito fortes, além da contribuição de negros e brancos que se instalaram na região durante seu processo de ocupação. Tal miscigenação se faz presente na cultura rosariense, refletindo desta forma na prática e nas formas de uso e manejo de seus recursos naturais, neste caso, as plantas.

A essas plantas é atribuído o poder de proteção da casa, “espantar maus agouros” e de curar as pessoas que sofrem de moléstias não explicadas cientificamente, sendo a principal forma de utilização das plantas através do banho.

Santos (2004) salienta a preocupação especial existente no uso e manejo deste tipo de planta, especialmente o da arruda, que segundo os moradores é muito sensível, pois o pé morre com facilidade. Essa preocupação pode ser notada em Rosário pelo comentário de alguns entrevistados que mencionaram o fato da arruda ser “...*difícil demais pra pegá... Deus me livre...*” e “...*não dá em qualquer lugar...*” (Informante do quintal 01 – bairro N.Sra Aparecida).

Dessa forma, pode-se verificar a necessidade de se considerar a dimensão simbólica da relação homem-planta, uma vez que simbolicamente o sagrado e o profano se materializam nos vegetais e práticas de cultivos anuais, influenciando na conservação e manejo de muitas espécies.



Fonte: Cleomara Amaral

Figura 17. Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*), planta de conotação místico-religiosa em frente à residência.

4.6.6. Beleza Pessoal

As plantas citadas pelos moradores com a finalidade de embelezamento (Beleza pessoal) foram a babosa (*Aloe vera*), popularmente utilizada para o tratamento e embelezamento dos cabelos, e o jaborandi (*Ottonia corcovadensis*), citado para o mesmo fim. No caso do jaborandi, uma mesma informante descreveu diferentes formas de utilização da planta, contra a queda de cabelo:

“Você far uso da semente misturada na carne, fica tipo uma pimenta;...Cozinhar a folha da planta e todo dia de manha cedo passar no cabelo;...Bater no liquidificador o fruto do jaborandi junto com a **aloe vera** para passar nos cabelos.” (moradora do quintal 49, bairro Monjolo).

4.6.7. Outros Usos

A etnocategoria *Outros usos*, representa as plantas utilizadas para diversas finalidades, que juntas somam apenas 2% das plantas citadas. Encontram-se nesta etnocategoria o fumo (*Nicotiana tabacum*) utilizado para a fabricação do fumo caseiro e a teca (*Tectona grandis*), espécie recentemente introduzida na região, citada por uma moradora para utilização da lenha.

4.7. Análise quantitativa: as plantas expressas através dos números

De acordo com Amorozo e Gély (1988), foi calculado o nível de fidelidade (NF) das espécies citadas por mais de três informantes (tabela 3).

Além do nível de fidelidade, que serve para avaliar a importância de cada espécie para uma finalidade particular, foi utilizado um fator de correção (FC) para calcular a concordância quanto ao uso principal (CUP), que serve para neutralizar a maior ou menor popularidade de uma espécie (FRANÇA, 2006).

Todas as plantas de uso alimentar, e plantas medicinais como o quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*), a camomila (*Matricaria chamomilla*), erva cidreira (*Lipia alba*), o guiné (*Petiveria alliacea*), a caninha do brejo (*Costus spicatus*), o maztruz (*Chenopodium ambrosioides*), o poejo (*Mentha pulegium*), e o boldo (*Coleus barbatus*), tiveram um consenso entre os informantes (NF), quanto a seus usos principais, acima de 60%.

Os valores de CUP são geralmente mais baixos, pois é relativo à planta com maior número de citações. A planta utilizada no cálculo como a mais citada foi a bananeira (*Musa paradisiaca*) que obteve 44 citações, sendo citada exclusivamente para o uso alimentar.

Este resultado demonstra a importância das plantas alimentícias para as famílias de Rosário Oeste envolvidas na pesquisa, plantas como a bananeira (*Musa paradisiaca*), a acerola (*Malpighia glabra*), o coco-da-Bahia (*Cocos nucifera*) e a mangueira (*Mangifera indica*) são espécies encontradas em mais da metade dos quintais entrevistados (tabela 3). Constituem dessa forma, importantes fontes de nutrientes para as pessoas do domicílio, sendo a produção domiciliar destes alimentos uma alternativa econômica encontrada para o consumo de uma maior quantidade de vitaminas e minerais, complementando a dieta alimentar.

A planta medicinal mais citada foi o boldo (*Coleus barbatus*) com 29 citações, sendo a única espécie medicinal a atingir o valor de CUP maior que 50%. Para Pilla *et al.* (2006) *Coleus barbatus* também foi a espécie mais citada, segundo os mesmos, a utilização do boldo para tratamento dos males do fígado e problemas da digestão tem seu efeito comprovado por testes experimentais.

De acordo com Amorozo e Gély (1988) o nível de fidelidade (NF) e (CUP) elevada para espécies medicinais, demonstra a importância de se considerar esse tipo de

dado em pesquisas farmacológicas, uma vez que diversas plantas usadas por populações caboclas já tiveram ação farmacológica comprovada, como o mastruz, planta também mencionada na pesquisa que apresenta alta concordância de uso entre os informantes.

Segundo Jorge (2001) o nível de fidelidade igual a 100 % indica que existe uma consistência cultural do uso da espécie na comunidade em estudo. Jorge (2001) e Somavilla (1998) afirmam que o aumento de indicações terapêuticas, aumenta em decorrência do aumento do número de informantes que citam as espécies e isto poderá diminuir o índice de concordância.

Tabela 3 – Usos principais e Concordância quanto ao uso das plantas encontradas em mais de três quintais nos Bairros Nossa Senhora Aparecida e Mojolo em Rosário Oeste-MT. **Legenda:** Iu - N°. Entrevistados que citaram o uso da espécie; NF – Nível de Fidelidade (%); FC – Fator de Correção; CUP - Concordância quanto ao uso principal; IP - N° pessoas citando uso principal. Al = alimentar; Or= ornamental; MR= místico-religioso.

| Nome vulgar | Iu | N° usos citados | Uso principal | IP | NF % | FC | CUP |
|-------------------|----|-----------------|-------------------------------|-----------|--------------|------|---------------|
| Abacateiro | 11 | 4 | Al | 11 | 100 | 0,25 | 25,00 |
| Abacaxi | 10 | 1 | Al | 10 | 100 | 0,23 | 22,73 |
| Abóbora | 8 | 1 | Al | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Acerola | 34 | 3 | Al | 32 | 94,12 | 0,77 | 72,73 |
| Alecrim | 12 | 5 | Coração | 5 | 41,67 | 0,27 | 11,36 |
| Alfavaca | 13 | 5 | Tosse | 6 | 46,15 | 0,30 | 13,64 |
| Alface | 4 | 2 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Alho de folha | 4 | 1 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Algodão | 16 | 8 | Inflamação | 5 | 31,25 | 0,36 | 11,36 |
| Amora | 3 | 2 | Al | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Anador | 11 | 2 | Dores em geral | 9 | 81 | 0,25 | 20,45 |
| Arruda | 16 | 9 | Sangue na cabeça/Dor no corpo | 4 | 25 | 0,36 | 9,09 |
| Artemísia | 5 | 4 | Dor de barriga | 2 | 40 | 0,11 | 4,55 |
| Aspirina | 13 | 5 | Gripe | 9 | 69,23 | 0,30 | 20,25 |
| Ata | 19 | 1 | Al | 19 | 100 | 0,43 | 43,18 |
| Atrativo | 4 | 2 | MR | 3 | 75 | 0,09 | 6,82 |
| Babosa | 14 | 9 | Câncer | 4 | 28,57 | 0,32 | 9,09 |
| Bactrim | 3 | 2 | Rim | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Bananeira | 44 | 1 | Al | 44 | 100 | 1,00 | 100,00 |
| Beijo | 6 | 1 | Or | 6 | 100 | 0,14 | 13,64 |
| Boa noite | 5 | 1 | Or | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Bocaiúva | 8 | 2 | Al/med | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Boldo chinês | 3 | 1 | Problemas estomacais | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Boldo | 29 | 6 | Problemas estomacais | 24 | 82,75 | 0,66 | 54,54 |
| Brilhantina | 5 | 1 | Or | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Cabaça | 4 | 1 | Ou | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Cabecinha de nego | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Cacto sp2 | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |

Continua

Continuação tabela 3...

| Nome vulgar | Iu | Nº usos citados | Uso principal | IP | NF % | FC | CUP |
|----------------------------|----|-----------------|---------------------------------------|----|--------------|------|--------------|
| Cacau | 5 | 1 | Al | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Café | 8 | 1 | Al | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Cajá-manga | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Cajueiro | 23 | 4 | Al | 21 | 91,30 | 0,52 | 47,73 |
| Camomila | 27 | 7 | Calmente | 19 | 70,37 | 0,61 | 43,18 |
| Canferana/boldo/estomalina | 10 | 4 | Problemas estomacais | 8 | 80 | 0,23 | 18,18 |
| Cana | 20 | 1 | Al | 20 | 100 | 0,45 | 45,45 |
| Caninha do brejo | 20 | 3 | Problemas do rim (urinarios) | 18 | 90 | 0,45 | 40,91 |
| Capim cidreira/santo | 20 | 3 | Calmente | 18 | 90 | 0,45 | 40,91 |
| Carambola | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Castanha da índia | 9 | 5 | Rins/Dor barriga | 3 | 33,33 | 0,20 | 6,82 |
| Cebolinha | 38 | 2 | Al | 37 | 97,36 | 0,86 | 84,09 |
| Cenoura | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Coentro | 4 | 1 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Colônia | 4 | 3 | Calmente | 2 | 50 | 0,09 | 4,55 |
| Comigo-ninguém-pode | 12 | 2 | MR | 12 | 100 | 0,27 | 27,27 |
| Confrei | 5 | 3 | Antiinflamatório | 3 | 60 | 0,11 | 6,82 |
| Cordão-de- São-Francisco | 3 | 2 | Fraqueza | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Couve | 8 | 2 | Al | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Coco-da-Bahia | 32 | 3 | Al | 29 | 90,62 | 0,73 | 65,91 |
| Cravo/cravinho | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Crista de Galo/ suspiro | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Dama da noite | 4 | 1 | Or | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Dinheiro em penca | 5 | 2 | Or | 4 | 80 | 0,11 | 9,09 |
| Dipirona | 3 | 2 | Dores em geral | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Elixir | 5 | 1 | Problemas estomacais | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Embaúba | 3 | 4 | Diabetes/colesterol/ tosse/pressão | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Erva-Sta-Maria/Mastruz | 24 | 6 | Verme | 19 | 79,16 | 0,55 | 43,18 |
| Erva cidreira | 9 | 2 | Calmente | 8 | 88,88 | 0,20 | 18,18 |
| Erva de bicho | 12 | 6 | Gripe | 9 | 75 | 0,27 | 20,45 |
| Espada-São-Jorge | 9 | 2 | MR | 8 | 88,88 | 0,20 | 18,18 |
| Fedegoso | 4 | 3 | Problemas estomacais | 2 | 50 | 0,09 | 4,55 |
| Feijão andu | 5 | 2 | Problemas estomacais | 3 | 60 | 0,11 | 6,82 |

Continua

Continuação tabela 3...

| Nome vulgar | Iu | Nº usos citados | Uso principal | IP | NF % | FC | CUP |
|------------------------|----|-----------------|--|----|--------------|------|--------------|
| Figo | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Fruta banana | 4 | 1 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Folhagem1 (trepadeira) | 4 | 1 | Or | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Fortuna | 4 | 4 | Dor Ouvido | 2 | 50 | 0,09 | 4,55 |
| Fumo | 3 | 3 | Tosse/garganta/gripe | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Gengibre | 3 | 4 | Tosse/garganta/gripe/Al | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Goiabeira | 22 | 3 | Al | 21 | 95,45 | 0,50 | 47,73 |
| Gervão | 5 | 2 | Problemas digestivos | 3 | 60 | 0,11 | 6,82 |
| Guiné | 5 | 3 | Problemas respiratórios | 4 | 80 | 0,11 | 9,09 |
| Hortelãzinha | 16 | 7 | Gripe | 12 | 75 | 0,36 | 27,27 |
| Hortelã da folha Gorda | 3 | 4 | Febre/calmente/estomago/gripe | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Ixória | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Jabuticaba | 5 | 1 | Al | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Jaca | 4 | 1 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Jaborandi | 3 | 1 | Be | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Jiló | 4 | 1 | Al | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Jucá | 3 | 2 | Inflamação | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Jurema/rajadinha | 7 | 1 | Or | 7 | 100 | 0,16 | 15,91 |
| Laranjeira | 17 | 2 | Al | 17 | 100 | 0,39 | 38,64 |
| Laranja-lima | 5 | 1 | Al | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Limoeiro | 28 | 1 | Al | 28 | 100 | 0,64 | 63,64 |
| Lírio branco/frota | 5 | 1 | Or | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Losna | 8 | 3 | Problemas digestivos | 7 | 87,5 | 0,18 | 15,91 |
| Mamoeiro | 31 | 1 | Al | 31 | 100 | 0,70 | 70,45 |
| Mandioca | 27 | 1 | Al | 27 | 100 | 0,61 | 61,36 |
| Mandacaru | 4 | 1 | Or | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Manjerona | 5 | 3 | Calmente | 4 | 80 | 0,11 | 9,09 |
| Mangueira | 31 | 1 | Al | 31 | 100 | 0,70 | 70,45 |
| Maracujá | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Maracujina | 3 | 2 | Calmente | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Maravilha | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Milho | 5 | 1 | Al | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Não me toque | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Nim | 4 | 5 | Fígado/emagrecer/diabete/ Inflamação/estômago | 1 | 25 | 0,09 | 2,27 |

Continua

Conclusão tabela 3...

| Nome vulgar | Iu | Nº usos citados | Uso principal | IP | NF % | FC | CUP |
|---|----|-----------------|--------------------------------|----|--------------|------|-------|
| Orquídea <i>cathleya</i> | 8 | 1 | Or | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Orquídea amarela | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Pariparoba | 3 | 3 | Fígado/reumatismo | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Papoula | 5 | 1 | Or | 1 | 20 | 0,11 | 2,27 |
| Picão roxo/mentrasto | 3 | 4 | Anemia/gestante/rim/hepatite | 1 | 33,33 | 0,07 | 2,27 |
| Pinhão (roxo) | 4 | 2 | Machucadura | 2 | 50 | 0,09 | 4,55 |
| Pimenta dedo moça/ fininha/ chumbinho/poca | 17 | 1 | Al | 17 | 100 | 0,39 | 38,64 |
| Pimenta-de-cheiro | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Pimenta-do-reino | 2 | 1 | Al | 2 | 100 | 0,05 | 4,55 |
| Pimenta-malagueta | 5 | 1 | Al | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Pimentão | 13 | 1 | Al | 13 | 100 | 0,30 | 29,55 |
| Pingo de Ouro | 12 | 1 | Or | 12 | 100 | 0,27 | 27,27 |
| Pitanga | 4 | 3 | Rim | 2 | 50 | 0,09 | 4,55 |
| Pitombeira | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Pocã | 10 | 1 | Al | 10 | 100 | 0,23 | 22,73 |
| Poejo | 22 | 7 | Gripe | 17 | 77,27 | 0,50 | 38,64 |
| Quebra-pedra | 5 | 1 | Rim | 5 | 100 | 0,11 | 11,36 |
| Rabo caxinganga | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 11,36 |
| Rabo de Galo | 7 | 1 | Or | 7 | 100 | 0,16 | 6,82 |
| Romã | 11 | 6 | Dor de Garganta | 7 | 63,63 | 0,25 | 15,91 |
| Rosa | 14 | 1 | Or | 14 | 100 | 0,32 | 31,82 |
| Rúcula | 6 | 1 | Al | 6 | 100 | 0,14 | 13,64 |
| Samambaia crespa | 4 | 1 | Or | 4 | 100 | 0,09 | 9,09 |
| Samambaia-de-renda | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Samambaia | 13 | 1 | Or | 13 | 100 | 0,30 | 29,55 |
| Samambaia-rabo-gato | 3 | 1 | Or | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Salsinha | 3 | 1 | Al | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Tansagem-falsa (cranjiru) | 3 | 1 | Inflamação | 3 | 100 | 0,07 | 6,82 |
| Teca | 3 | 2 | Or | 2 | 66,66 | 0,07 | 4,55 |
| Terramicina | 11 | 2 | Anti-inflamatório | 10 | 90,90 | 0,25 | 22,73 |
| Tomate | 8 | 1 | Al | 8 | 100 | 0,18 | 18,18 |
| Urucum | 4 | 4 | Diabetes/reumatismo/colesterol | 1 | 25 | 0,09 | 2,27 |
| Vick | 10 | 4 | Gripe | 7 | 70 | 0,23 | 15,91 |

4.8. Estratégias etnoecológicas de conservação: valorizando o conhecimento botânico tradicional

Segundo Amorozo (2002b) os “sistemas agrícolas tradicionais”, se referem a sistemas de produção voltados principalmente à subsistência do grupo de produtores, com utilização de insumos locais e tecnologia simples. São grupos de indivíduos ligados por laços de parentesco, tanto biológico como ritual, com um alto grau de conhecimento do ambiente onde vivem.

A mesma autora, afirma que cultivar e cuidar das plantas, em comunidades agrícolas tradicionais, é algo que se aprende muito cedo, à medida que as crianças acompanham os adultos às roças e tomam parte nas tarefas cotidianas. E quem se acostuma a plantar, dificilmente deixa de exercer tal atividade, mesmo quando migra para áreas mais urbanizadas.

O presente estudo comprova tal afirmação, pois a maioria dos entrevistados veio da zona rural do município, cultivam plantas em seus quintais, mesmo aqueles com áreas bem reduzidas, dando continuidade ao ofício que aprenderam, com os pais ou outros parentes, trabalhando nas roças:

“...O quintal é importante por que casa sem quintal não tem valor,... é importante pra poder plantá aquilo que a gente não pode comprá...aprendi sobre as plantas no sítio com meus pais...” (informante do quintal 43, bairro Monjolo).

...O quintal é coisa de futuro sobre plantio...é importante pra ter serviço e ter planta,...aprendi no sítio...é importante ter planta de alimento....” (informante do quintal 44, bairro Monjolo).

Em Rosário Oeste, o cuidado com os quintais estudados inclui a utilização de técnicas simples de manejo: como capinas periódicas, irrigação, limpeza e adubação. É costume de alguns moradores utilizarem cal ou sal no Coco-da-Bahia (*Cocos nucifera*) e esterco de gado ou de galinha nas hortaliças. Resultado semelhante ao apresentado por Santos (2004) em estudo dos quintais de Alta Floresta-MT, segundo a autora essas práticas tradicionais refletem importantes processos ecológicos de uso e conservação dos recursos vegetais.

Diegues (1997) afirma que dentro das comunidades tradicionais predomina a noção de que os recursos devem ser usados com parcimônia, na medida em que deles depende a reprodução social e simbólica do grupo. Essas comunidades possuem um modo

de vida marcada pelo conhecimento sofisticado da dinâmica dos ecossistemas e pela criação de sistemas eficazes e ecologicamente sustentáveis de manejo da flora e da fauna.

As inúmeras populações tradicionais têm mantido, produzido e desenvolvido conhecimentos ecológicos práticos, e técnicas de manejo sofisticadas sobre o uso dos recursos vegetais. As crenças, costumes e valores sobre a natureza, constituem parte importante do patrimônio sócio-ecológico-cultural brasileiro (DUARTE, 2001).

Os quintais, como sistemas agroflorestais, desempenham importante função ecológica ao mesmo tempo em que conservam alta diversidade de planta na sua composição (SOEMARWOTO, 1987), garantindo a variabilidade genética, constituindo importantes bancos de germoplasmas, representando sistemas sustentáveis que conferem maior resistência a doenças e adaptabilidade futura (BRITO & COELHO, 2000).

De acordo com Marques (2001) a população pode ainda agir e interagir com os astros, a cosmologia, através do qual recebe a ação. Assim como o relatado por Duarte (2001), algumas atividades, como o plantio ou a colheita, estão relacionados com as fases da lua.

Em Rosário Oeste uma informante relata que: “*os mais velhos obedecem a lua para poder plantar*” (Moradora do quintal nº.05, bairro N. Sra Aparecida).

Tais estratégias estabelecidas pela população são importantes meios de conservação e manejo dos recursos vegetais, uma vez que o período de coleta ou de uso fica limitado a determinadas fases do ano.

Em Rosário Oeste, poucos moradores citaram a relação planta-cosmologia, talvez pelo fato mencionado pela própria informante, de que este é um costume utilizado especialmente pelos mais velhos, os mais novos desconhecem ou não utilizam tais estratégias de plantio.

O fato de poucos informantes mencionarem o uso de tal prática pode ser um indicativo de que tal crença esteja morrendo, ou sendo esquecido pelos mais novos que não se interessam por manter tal tradição ou mesmo por preferir a utilização de técnicas mais modernas. Daí a importância da realização de estudos que registrem e valorizem tais conhecimentos, como uma forma de perpetuação desta sabedoria popular que respeita e reconhece a importância do universo-natureza e sua relação com todas as formas de vida.

De acordo com Amorozo (2002b) estes modos de produção autóctones têm sofrido pressões em todo mundo, pela disseminação do modelo agrícola industrial e as consequências da modernização globalizante. Sistemas agrícolas tradicionais, voltados

para a subsistência, vêm assim se desarticulando, e perdendo espaço para a agroindústria e outras atividades comerciais que começam a ganhar vulto no campo. Estas transformações geralmente têm um efeito negativo sobre o conjunto de germoplasma das plantas cultivadas por estas comunidades e sobre o conhecimento associado a elas.

5. CONCLUSÃO

O número expressivo de plantas utilizadas pela comunidade, o conhecimento sobre as formas de uso e de técnicas de manejo para a manutenção das plantas em seus quintais, demonstram que a população rosariense é consciente da importância da conservação dos recursos naturais, proporcionando às suas famílias melhor qualidade de vida, maior segurança alimentar, econômica e ecológica.

Em Rosário Oeste os quintais estudados nos bairros Nossa Senhora Aparecida e Monjolo apresentam uma diversidade de plantas, tanto exóticas como nativas, que fazem parte do verde da cidade, com espécies que vão desde as pequenas herbáceas até as árvores mais altas.

Apesar dos quintais estudados se localizarem na área urbana do município, a população mantém uma estreita relação com a natureza, fato este comprovado pela riqueza de espécies encontrada nestes locais. Espaços estes, que mantêm muito dos aspectos típicos de um ambiente rural do qual tiveram origem, como a presença de fogões de lenha, fornalhas e giraus.

A importância dos quintais para populações e comunidades tradicionais está ligada não só a prática da medicina tradicional, herança dos povos indígenas e africanos, mas à cultura e tradição de um povo que valoriza suas raízes e busca preservar, e dar continuidade, mesmo que de forma simples o conhecimento conquistado através de várias gerações.

O conhecimento referente à utilização de plantas medicinais, e outras formas de uso das espécies, é repassado através de gerações pela oralidade, sendo a mulher a principal responsável por transmitir e manter tal conhecimento.

Estes quintais correspondem a espaços de conservação biológica, onde a reprodução de um saber local é exercitada cotidianamente nas mais diferentes situações. Saber este que deve ser mantido, pois a tradicionalidade destes espaços é acentuada, e muitas vezes facilitam o próprio intercâmbio entre os rosarienses.

Enfim, os quintais de Rosário Oeste despertam a atenção, exatamente por manter aquilo que ainda é muito valorizado pelo mato-grossense autóctone: um espaço onde se pode reunir sob a sombra de arbustos e árvores, quase sempre muito antigas e acolhedoras nesses lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. 1999. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta Botanica Brasilica*. 13: 307-315.

ALBUQUERQUE, U.P. 2002. *Introdução à Etnobotânica*. Recife: Bagaço, 2002, 87p.

ALEXIADES, M. 1996. *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York. The New York Botanical Garden. 306 p.

AMARAL, C.N. 2005. *Uso social da biodiversidade na Comunidade de Cascavel, Jangada - MT*. Monografia de Conclusão de Curso. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. 39p.

AMOROZO M.C. M, 1981. Alimentação em um bairro pobre de Manaus. *Acta Amazônica*, v.11, n.3, Supl. p.43.

AMOROZO M.C. M. 1996. *Um sistema de agricultura camponesa em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, Brasil*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 269p.

AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e Diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Bot. Bras.* v.16 n.2 São Paulo abr. 2002.

AMOROZO, M.C.M. 2002b. Agricultura tradicional: espaços de resistência e o prazer de plantar In: Albuquerque, UP; Alves, AGC; Silva, ACBL; Silva, VA; (Orgs.). *Atualidades em Etnobotânica e Etnoecologia*. SBEE. Recife, Pernambuco. p.123-131.

AMOROZO M.C. M. & GÉLY A. 1988. Uso de Plantas Medicinais por Caboclos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Bol. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Série Botânica*. 4 (1):47-129.

AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C. & DA SILVA, S. P. 2002. Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etonobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas. *Anais do I Seminário de Etonobiologia e Etnoecologia do Sudeste*. Rio Claro. 204p.

AÑEZ, R.B.S. 1999. O uso de plantas medicinais na comunidade do Garcês (Cáceres – Mato Grosso). 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Meio Ambiente). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso.

ÂNGELO, G. A. 1999. *Produção de alimento e manejo de quintais no distrito de Ferraz – Município de Rio Claro – SP*. Trabalho de graduação – Campus Rio Claro: UNESP.

BARBOSA RODRIGUES, J. 1992. *A Botânica. Nomenclatura Indígena e Seringueiras*. Edição comemorativa do Sesquicentenário de João Barbosa Rodrigues. Patrocínio: Fundação Andorinha Púrpura. Apoio: Sociedade Amigos do Jardim Botânico Rio de Janeiro/ IBAMA/ Jardim Botânico Rio de Janeiro. [1905/1900, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional]. 87 p. e 95 p.

BEGOSSI, A. 1983. Ecologia Humana: um enfoque das relações homem-ambiente. *Interciência*. May-June, 18 (3). 121-130

BRITO, M.M. & COELHO, M.F. 2000. Os Quintais Agroflorestais em Regiões Tropicais – Unidades Auto-Sustentáveis. *Agricultura Tropical*, Vol. 4, número 1.

CABALLERO, J. 1992. Maya Homegardens: Past, present and future. *Etnoecológica*, 1 (1) 35-54.

CABRAL, C.D.O. & CARNIELLO, M.A. 2008. Formas de uso medicinal da aroeira, *Myracrodruon urundeuva* Fr. All., em Porto Limão, Cáceres, MT. In: Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal – Sustentabilidade Regional, 4. 2004. Corumbá. *Anais*. Corumbá: Embrapa-Pantanal, 2004. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br>. Acesso em 27 mar. 2008.

CARNIELLO, M.A. 2007. *Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alamedado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas (Biologia Vegetal)) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

CASTRO, C.F.A. 1995. *Biodiversidade e quintais*. Rio de Janeiro. (Cadernos de Proposta nº 3).

CÓDIGO INTERNACIONAL DE DOENÇAS. CID-10. 1999. Ministério da Previdência e Assistência Social. São Paulo. Ed. da USP, 10º ed.

CRONQUIST, A. 1988. *The evolution and classification of flowering plants*. 2 ed. New York. The New York Botanical Garden.

DIEGUES, A.C. 1997. Repensando e Recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: Weber, J. & Vieira, P. F. (Organizadores). *Gestão de Recursos Naturais renováveis e desenvolvimento*. São Paulo: Cortez.

DIEGUES, A. C. & MOREIRA, A. C. C. 2001. (Orgs.). *Espaços e recursos naturais de uso comum*. São Paulo. HUCITEC/NUPAUB.

DINIZ, MÔNICA. Histórica. 2005. Sesmarias e posse de terras: política fundiária para assegurar a colonização brasileira. *Histórica*. Revista Eletrônica do Arquivo do Estado, São Paulo, N.º2 Ano 01.

DI STASI, L.C.1996. *Plantas Mediciniais: Arte e Ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo. Ed. UNESP. 230 p.

DUARTE, T. G. 2001. *Um Estudo Etnoecológico sobre o Uso de Recursos Vegetais em Nova Xavantina, Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação dos Recursos Naturais). Cuiabá: UFMT.

FERREIRA, J. C. V. 2001. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá. Secretaria de Estado da Educação/Ed. Buriti.

FRANÇA, J.F. 2006. *Plantas medicinais na comunidade ribeirinha de Nossa Senhora de Aparecida (Silves, AM): um estudo Etnobotânico*. Dissertação (Mestrado em Agricultura e Sustentabilidade na Amazônia). Manaus - AM.

FRIEDMAN, J.; YANIV Z.; DAFI A.; PALEWITCH D.A. 1986. Preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an

ethnopharmacological field survey among Bedouins in the Negev Desert, Israel. *Journal of Ethnopharmacology*. (16): 275-287.

GARROTE, V. 2004. *Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a Comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty-RJ*. Dissertação de Mestrado Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Piracicaba-SP.

GEERTZ, C. 2000. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis. Vozes.

GIL, A.C. 1991. *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. Editora Atlas: São Paulo, São Paulo, 207p.

GODOY A.S. 1995. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*. 35 (3):20-29.

GOMEZ-POMPA, A. 1986. Introduction. Anais do IV Congresso Latinoamericano de Botânica. ICFES, Colômbia.

GUARIM, V.L.M.S. 2000. *Educação e Sustentabilidade Ambiental em Comunidades Ribeirinhas Tradicionais*. Tese de doutorado, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT. 214 p.

GUARIM NETO, G. 1996. *Plantas medicinais do Estado de Mato Grosso*. Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior, Brasília.

GUARIM NETO, G. 2002. O bioma cerrado: uma riqueza a preservar. In: José Mauricio. *Flores do Cerrado*. Cuiabá-MT: Edição do autor. 120p.

GUARIM NETO, G. & CARNIELLO, M.A. 2007. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: *Povos e Paisagens: Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil*. Orgs: Albuquerque U.P.; Alves, A.G.C.; Araújo, T.A.S. NUPPEA: Recife-PE.

GUIMARÃES, R.G. 1998. *A importância de quintais domésticos com relação a alimentação e renda familiar*. Monografia de Conclusão de Curso. Rio Claro: UNESP.

GUTBERLET, J. 1994. Pequena Produção nos Cerrados e Transformações Sócio-Ambientais: O caso do município de Acorizal na Baixada Cuiabana. *Cadernos do Neru*, nº3.

HANAZAKI, N. *Ecologia de caixaras: uso de recursos e dieta*. Tese (Doutorado em Ecologia). Instituto de Biociências – Campinas: Universidade de Campinas - UNICAMP, 2001.

HAVERROTH, M. 1997. *Kaingang, Um Estudo Etnobotânico: o uso e a classificação das plantas na Área Indígena Xapecó (oeste de SC)*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina.

IBGE. 2000. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Censo demográfico ano 2000. Disponível em www.ibge.gov.br.

JORGE, S.S.A. 2001. *O saber medicinal ribeirinho: comunidade de poço e praia do poço, Santo Antonio do Leverger – Mato Grosso*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Meio Ambiente). Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso.

KUMAR, B.M. E NAIR, P.K.R. 2004. The enigma of Tropical homegardens. *Agroforestry Systems* 61: 135-152.

LAMY, P. 1978. Investigaciones medicinales com uso popular em México. *Ciênc.Cult.*, V.32, supl. p.147-55. Trabalho apresentado no simpósio de plantas medicinais, 5, São Paulo. 1978.

LUDKE, M. & ANDRÉ, E. D. 1986. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, (Temas Básicos e Educação e Ensino)*. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda. 975p.

MARQUES, J.G.W. 2001. *Pescando Pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco*. NUPAUB-USP. 2º ed. São Paulo. 304p.

- MARQUES, J.G.W. 2002. O Olhar (Dês.) Multiplicado. O Papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. e Silva, S.M.P. (Editores). *Métodos de Coleta e Análise de dados em Etnobiologia e Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. Rio Claro: UNESP, São Paulo. p. 31-46.
- MARTIN, G. J. 1995. *Ethnobotany: a methods manual*. London. Chapman & Hall. 268p.
- MARTINS, A.L.U. 1998. *Quintais urbanos em Manaus: organização, espaço e recursos vegetais no bairro Jorge Teixeira*. 89 f. Dissertação Inpa. Manaus.
- MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C. & DIAS, J.E. 2000. Pp.220. *Plantas medicinais*. Viçosa. Editora UFV.
- MORAIS, R. G. 2003. *Plantas medicinais e representações sobre saúde e doença na comunidade de Angical (Rosário Oeste, MT)*. 153f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso.
- MORÁN, E. F.1990. *A ecologia humana das populações da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.
- MORÁN, E. F. 1994. *Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica*. São Paulo. EDUSP.
- NAIR, P.K.R. 1993. *An introduction to Agroforestry*. ICRAF/ Kluwer Academic Publishers.
- NAIR, C.T.S. & KRISHNANKUTTY, C.N. 1985. Socio-economic factors influencing farm forestry: A case study of tree cropping in the homesteads in Kerala, India. In *Community Forestry: Socio-economic Aspects*. V.1; p. 115-130. Bagkok.
- NIÑEZ, V.K. 1984. Household Gardens: Theoretical considerations on a old survival strategy. Research series. *Potatoes in food systems*. Vol. 1. p1-41.

NODA, S. 2000. *Na terra como na água: organização e conservação de recursos terrestres e aquáticos em uma comunidade da Amazônia brasileira*. Cuiabá-MT. PPGCB/IB/UFMT. Tese de doutorado. 1982p.

NORDI, N.; THÉ, A. P. G.; MOURÃO, J. S.; MADI, E. F.; CAVALLINI, M.; MONTENEGRO, S. C. S. 2001. Etnoecologia, educação ambiental e desenvolvimento Sustentável. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: RiMa.

ODUM, E. P. 1988. *Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

OAKLEY, E. 2004. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas* – V.1, nº 1 – novembro.

PASA, M. C. 2004. *Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açu, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. 174f. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; NETO, G. G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*. Vol.19, nº. 2. São Paulo.

PHILLIPS, O. & GENTRY, A. H. 1993. *The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique*. *Economic Botany*, v.47, n.1, p.15-32.

PILA, M.A.C.; AMOROZO, M.C.M. & FURLAN, A. 2006. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP Brasil. *Acta Botânica Brasílica*. Vol. 20 (4). p. 789-802.

POSEY, D. A. 1987a. Introdução- Etnobiologia: Teoria e Prática. In: Ribeiro, B. (org.). *Suma Etnológica Brasileira*. I. Etnobiologia. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ, Brasil. 45 pp

POSEY, D. A. 1987b. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó), *Suma Etnológica Brasileira*, Ribeiro, B. (Org.) 2ª ed., Petrópolis, Vozes/Finep, v.1, pp.173-185.

RIBEIRO, Berta. (org.). 1987. *Suma Etnológica Brasileira*. Vol.1 Etnobiologia. 2ª ed. FINEP/Vozes, Petrópolis-RJ.

RICO-GRAY, V. GARCIA-FRANCO, J.G.; CHEMAS, A.; PUCH, A.; SIMA, P. 1990. Species composition, Similarity, and Structure of Maya Homegardens in Tixpeual and Tixcaltuyub, Yucatán, México. *Enconomy Botany*, 44 (4): 470-487.

RICHARDSON, R. J. 1999. *Pesquisa Social Métodos e Técnicas*. 3ªed. São Paulo: Atlas.

RICO-GRAY, V. GARCIA-FRANCO, J.G.; CHEMAS, A.; PUCH, A.; SIMA, P. 1990. Species composition, Similarity, and Structure of Maya Homegardens in Tixpeual and Tixcaltuyub, Yucatán, México. *Enconomy Botany*, 44 (4): 470-487.

RIZZO, J.A.; CAMPOS, I.F.P.; JAIME, M.C.; MORGADO, W.F. 1999. A Utilização de Plantas Medicinais nas Cidades de Goiás e Pirenópolis, Estado de Goiás. *Revista de Ciências Farmacêuticas*, São Paulo, 20(2): 431-447.

SANTOS, S. 2004. *Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade). Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. MT.

SANTOS, S. & GUARIM NETO, G. 2005. Medicina tradicional praticada por benzedeiros de Alta Floresta, Mato Grosso. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, série Ciências Humanas, v. 1, p. 27-50.

SARAGOUSSI, M.; MARTEL, J.H.I.; RIBEIRO, G. de A. 1988. Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas. In: *Ethnobiology: Implications and Applications*, v.1, p. 295-303.

SEPLAN. Secretaria do Estado de Planejamento e Coordenação Geral. 2003. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MATO GROSSO, Cuiabá-MT.

SEPLAN. Secretaria do Estado de Planejamento e Coordenação Geral. 1975. *Monografia dos Municípios*. Vol 1. Cuiabá.

SILVA, J.A. 2000. *Avaliação do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural do Município de Rosário Oeste-MT – Período de 1997 a 2000: um estudo de caso*. Cuiabá: UFMT. 93p.

SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. 1998. *Plantas da medicina popular do Rio Grande do Sul*. 5ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS. 173 p.

SOEMARWOTO, O. 1987. Homegardens: a traditional agroforestry system with a promising future. In: Stepler, H.A.; Nair, P.K.R. (ed.); *Agroforestry a decade of development*. Nairobi: ICRAF, p. 157-170.

SOEMARWOTO, O. & CONWAY, G.R. 1992. The Javanese homegarden. *Journal for Farming Systems Research-extension*, 2 (3): 95-118.

SOMAVILLA, N.S. 1998. Utilização de plantas medicinais por uma comunidade garimpeira do Sudoeste Mato-Grossense – ABEPCoilegre P. Editor 25(199). Dissertor 3): 0.088-0.25

Etnobotânica de Plantas Alimentícias. Orgs: Albuquerque, U.P. e Almeida, C. de F.C. B. de. Nuppea: Recife.

XAVIER, F.F. 2005. *Conhecimento tradicional e recursos vegetais: um estudo etnoecológico em N. S. da Guia, Cuiabá, MT*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade) Universidade Federal de Mato Grosso.

ANEXO I**QUESTIONÁRIO NORTEADOR****RECURSOS VEGETAIS DOS QUINTAIS DE ROSÁRIO OESTE**

Data do Contato:

Nº. Quintal:

DADOS DO INFORMANTE:

Nome:

Sexo:

Endereço:

Naturalidade:

Tempo Residência no Local:

Escolaridade:

Idade:

Ocupação:

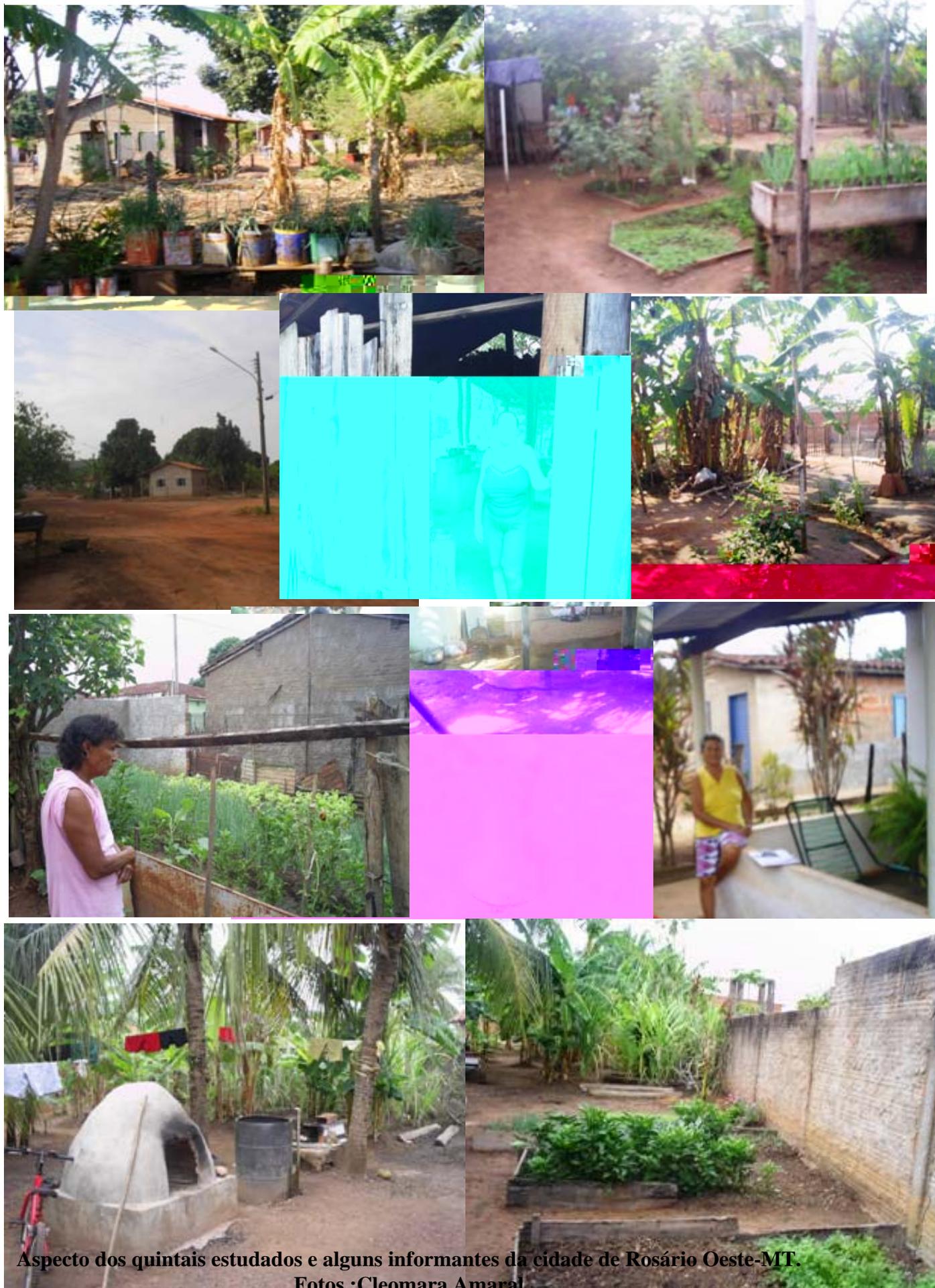
Estado Civil:

Nº Filhos:

DADOS DO QUINTAL:

- Tamanho:
- Localização do Quintal:
- Quem cuida do quintal:
- O que faz para cuidar do quintal (plantas/animais)?
- Como era o quintal quando começou a morar no mesmo? Tinha plantas?
- Em sua opinião o que é Quintal?
- Porque o seu quintal é importante?
- Como adquiriu estes conhecimentos? (sobre os usos das plantas)*
- Você que conhece os quintais de Rosário Oeste, poderia dizer cinco plantas que são as mais importantes?

ANEXO III



Aspecto dos quintais estudados e alguns informantes da cidade de Rosário Oeste-MT.
Fotos :Cleomara Amaral

SOBRE A AUTORA

Cleomara Nunes do Amaral é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso, foi bolsista Pibic por dois anos consecutivos, desenvolveu projetos na área de conservação de recursos naturais, realizando estudos de caráter etnobotânico e etnoecológico na cidade de Jangada (MT), orientada pela Prof. Dra. Vera Guarim. Em 2006, foi aprovada no curso de mestrado em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, onde deu continuidade a pesquisas etnoecológicas, orientada pelo Prof. Dr. Germano Guarim Neto, sendo bolsista Capes para o desenvolvimento do projeto de pesquisa. Participou do grupo de projeto de pesquisa: **Estudo da Flora, Caracterização da Vegetação e Etnobotânica no Município de Rosário Oeste, Mato Grosso**: subsídios para a conservação de recursos vegetais em Cerrado. Atualmente é professora efetiva do Estado de Mato Grosso na cidade de Várzea Grande-MT, onde reside.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)